

# **DRÁCULA**

**O Príncipe das Trevas**

**FLOR  
DE  
SANGUE**



**L P BACAN**



# **FLOR DE SANGUE**

**L P Baçan**



**Edição Eletrônica: L P Baçan**

**All rights reserved**

**Copyright © 2017 do Autor**

**Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.**

**Venda Proibida.**

**2017**

## livro seis

# FLOR DE SANGUE

## CAPÍTULO 1

De repente, o terror.

A porta do carro se abriu e um braço se estendeu. A mão fria e forte se fechou em torno do pulso da garota, arrancando-a do veículo com veículo. Seu namorado debruçou-se para olhar a figura alta e sinistra que dominava a jovem.

Instintivamente abriu o porta-luvas e retirou dali uma arma. Antes que pudesse engatilhá-la e apontá-la, Drácula, agarrou o pelo braço, arrastando-o para fora também.

— Solte a minha namorada! — gritou o rapaz, desequilibrado.

Drácula apertou o braço ao redor da cintura dela, depois gargalhou satanicamente. Ao encará-lo, o rapaz percebeu que o ser em sua frente não era humano. Aqueles olhos faiscantes, aquela boca arreganhada, exibindo presas animais e aquela mão feito garra deram-lhe a certeza de que a arma era inútil.

Ele se lembrou do que lera nos últimos dias sobre o tal vampiro. Não podia estar acontecendo, não com ele, não com sua namorada.

Recuou, alucinado e patético. Drácula olhou a garota junto de si. Ela desfalecera, o tronco pendido para trás, os cabelos soltos, o pescoço torneado e sedutor convidado-o a extravasar sua volúpia assassina.

O rapaz, fora de si, agarrou um pedaço de madeira e investiu contra ele. Drácula deixou cair a garota sobre a relva e aparou o golpe com facilidade, puxando o rapaz ao seu encontro.

Segurou-o pela garganta, depois o ergueu diante de si. Ao lado havia uma cerca, de mourões pontiagudos. O vampiro o jogou sobre eles. Transpassado grotescamente, o rapaz estrebuchou, expelindo golfadas de sangue.

Drácula voltou os olhos para a jovem ainda adormecida. O luar tornava sua pele mais clara, ressaltando sua beleza suave e terna.

Inclinou-se para apanhá-la. Faróis o iluminaram naquele momento. Ele cobriu os olhos, esperando que o veículo passasse.

— O que está havendo aí? — indagou o motorista, freando o carro, no entanto.

Drácula rugiu ameaçadoramente. Uma lanterna iluminou seu rosto.

— Deus do céu! — exclamou um dos ocupantes do veículo.

— É o vampiro! Só pode ser ele! — gritou outro.

Havia quatro homens no carro. Quase que em seguida, quatro carabinas foram apontadas para o vampiro e detonadas. As cargas de chumbo passaram por seu corpo como se passassem por uma sombra.

Drácula recuou, furioso. Seu corpo rebrilhou, fosforescente, depois o enorme morcego ganhou a noite, afastando-se daquele lugar ermo.

\*\*\*

No café de Pierre, em Saint Denis, alguma coisa parecia ter se alterado profundamente. Ninon, Chamy e Colete, as garotas mais atrevidas e acessíveis da noite, estavam a um canto, numa das mesas, bebendo em silêncio.

No balcão superlotado, os homens se entreolhavam, indagando-se o que podia tê-las feito agir daquela forma.

— Acho que enriqueceram...

— Arrumaram um padrinho rico...

Pierre se aproximou mais uma vez, para explicar. As garotas, que antes atraíam fregueses para o café, estavam pondo tudo a perder.

— Estão assim por causa de Marie que desapareceu e ainda não foi encontrada — disse, passando o pano ensebado sobre o tampo de madeira.

Na mesa, Ninon terminou seu conhaque, depois fez um gesto para Pierre, que mandou servir-lhe outro. A garota estava preocupada não apenas por Marie, a amiga que havia desaparecido, como por Brague e os irmãos Hamond, que igualmente haviam desaparecido.

Alguns dias antes, Ninon os procurara na pensão onde moravam, para lhes contar que vira novamente o carro que levava Marie, na noite em que ela desapareceu com um estranho.

Depois daquele dia, não vira novamente. Ninguém sabia dar o paradeiro deles. Sua preocupação, portanto, redobrava-se.

Encarou suas amigas, tão desanimadas e preocupadas quanto ela.

— Precisamos fazer alguma coisa, garotas — disse.

— E o que podemos fazer, Ninon? — indagou Chamy.

— Vimos aquele estranho entra aqui, sabemos que ele se parecia com o vampiro que apareceu no jornal...

— É, mas o jornal não fala mais nada, sobre o caso. Simplesmente parou com as reportagens todas. Eu achei ótimo. Tudo aquilo estava me impressionando demais — afirmou Chamy, tomando um gole de sua bebida.

— Isso me intriga. Por que pararam? Teria sido por causa da morte daquela jornalista? Como era mesmo o nome dela?

— Dominique Pinon — informou Chamy

— Tudo ficou muito misterioso, não? Nada se comentou sobre o fato.

— E o que isso tem a ver com o desaparecimento de Marie? — quis saber Colette.

— Tenho certeza de que há uma relação. Aquele professor que apareceu na televisão, não era ele quem sabia tudo sobre o tal vampiro? — lembrou Ninon.

— Eu não assisti a isso — descartou-se Colette.

— Você tem razão, Ninon — disse Chamy. — Foi o que eu entendi também.

Ninon tomou outro gole. A noite avançava e nada havia sido feito. Não podiam ter ânimo para nada. A vida precisava continuar, mas não depois de tudo que acontecera.

Primeiro Marie, a doce e terna Marie, levada por um desconhecido numa noite calma e nunca mais vista. Depois os irmãos e Brague, a quem ela havia contado o fato e dado o número da placa do carro do estranho.

A semelhança incrível entre a fotografia do vampiro publicada pelo jornal Le Roy e aquela figura feita por Brague, exímio pintor, com base nas descrições de Ninon e dos outros.

Tudo fazia crer que havia um vampiro e que Marie fora levada por ele. Sendo assim, seu destino fora trágico. Mas o que acontecera a Brague e os outros? Onde estariam? Por que haviam sumido tão misteriosamente?

— Acabo de ter uma idéia — disse Ninon.

— Que idéia? — quis saber Chamy, debruçando-se sobre a mesa para ouvi-la melhor.

— Vocês querem saber de uma coisa? Eu desisto de todo esse assunto louco. Estou vendo Deny ali na ponta do balcão. Ele me olha com uns olhos... — pavoneou Colette.

— Pós vá ter com ele, diabos! — respondeu Ninon.

— Pois é o que vou fazer mesmo. Preciso viver, não sou rica, minhas filhas. Adeusinho para vocês. Se cruzarem com o vampiro de novo, mandem-lhe minhas lembranças — ironizou a garota, levantando e deixando-as.

— Ela nunca foi muito amiga de Marie — comentou Chamy.

— Esqueça-a. Ouça o que podemos fazer: vamos procurar o tal professor.

— Para quê?

— Para contar-lhe tudo o que sabemos. Pode não ser nada, mas pode significar alguma coisa. Se ele puder nos ajudar a localizar Marie ou, então, saber o que houve com ela... — interrompeu-se por instantes. — Vou procurá-lo. Você vem comigo?

— Onde vamos achá-lo?

— Talvez no jornal saibam informar.

\*\*\*

Hilgenstiller consultou o relógio.

Passava das onze da noite. Estivera ali, naquela cadeira, durante o dia todo, repetindo sempre a mesma história. Os policiais se revezavam no interrogatório, interrompido apenas para as refeições principais.

Estava sozinho naquele momento, mas sabia que logo um outro policial entraria e lhe perguntaria a mesma coisa que os outros.

Ouviu o ruído da porta, mas não se voltou. O policial avançou até a cadeira, tirou o paletó e o repousou no espaldar. Depois encarou o professor.

— Lembra-se de mim? — indagou.

— Sim, seu nome é Ivy Chanton e é tenente detetive da Superintendência Geral de Polícia. Nós nos conhecemos no gabinete de Dominique Pinon, no jornal Le Roy. Como vê, tenente, não estou louco. Tenho consciência de tudo que aconteceu.

— Nesse caso, deve compreender nossa posição e...

— Não, tenente. Você deve compreender minha posição. Sou um cidadão inglês, dono de minhas faculdades mentais e mantido sob interrogatório nos últimos dias. É um modo desumano de tratar um visitante, não? Se pretende me acusar de alguma coisa, por que não o faz? Ou então me deixe voltar ao meu país...

— Não é tão fácil assim, professor — disse o tenente, apanhando sua carteira de cigarros.

Ofereceu um ao professor, que recusou Ivy acendeu o seu e, após algumas baforadas, voltou a encarar o cientista.

— Acredita mesmo em vampiros, professor?

Hilgenstiller balançou a cabeça desconsoladamente.

Quando alguém acreditaria nele? Quando a humanidade perceberia o perigo que estava ocorrendo com aquela besta monstruosa à solta.

— É uma pergunta tola, tenente. Já sabe a resposta. Claro que acredito. Eu enfrentei um. Minha filha morreu por causa dele...

— Temos aqui um relatório que diz que sua filha morreu num ataque de lobos. Está assinado por médicos do serviço público da Hungria...

— Eu sei o que está aí. É uma farsa, tudo tem sido uma farsa. Há um vampiro lá fora, tenente. Agora mesmo pode estar atacando alguém e...

Naquele momento, a porta se abriu e um policial deixou ver o seu rosto para fazer um gesto ao tenente.

— Já continuaremos nossa conversa — disse Ivy, levantando-se e deixando a sala.

Momentos depois, ele retornou. Havia sorriso maldoso e irônico em seus lábios.

— Vou lhe mostrar o que sua história provocou, professor. Venha comigo — ordenou.

Hilgenstiller não entendeu o que ele queria dizer com aquilo, mas ergueu-se e o seguiu até a sala do plantão. Ali, quatro caçadores de patos, ligeiramente embriagados, confundiam um policial ao tentar explicar o que haviam visto.

— Depois virou morcego... Um morcego enorme... — e o rapaz estava lá, espetado como um pedaço de carne...

— A garota só estava desmaiada...



— Nós atiramos nele. Os quatro. Não podíamos ter errado...

Ivy fez um sinal ao professor e retornou com ele à sala de interrogatórios. Sentou-se diante dele e encarou-o.

— Um rapaz foi morto estupidamente está noite. Seu corpo foi jogado sobre uma estaca. Sua namorada está no hospital, em estado de choque. Aqueles caçadores bêbados juram que viram um homem semelhante à fotografia que saiu no Le Roy. E que atiraram nele com suas espingardas, sem causar-lhe danos. Depois, num passe de mágica, ele se transformou num morcego e desapareceu na noite...

— Chama isso de histeria? Quer dizer que eu provoquei isso? Por que não acredita neles, homem? Eles podem estar falando a verdade...

— Estavam bêbados, professor. Eu fico admirado com sua relutância em não aceitar os fatos como eles são. O senhor, como um cientista que é, pode imaginar o que realmente aconteceu...

Hilgenstiller abaixou a cabeça e suspirou, cansado.

— E o que aconteceu, tenente?

— Simples, lógico e evidente. Aqueles homens voltavam de uma caçada. Estavam embriagados. Viram o carro à beira da estrada. Atacaram a garota. O rapaz reagiu e eles o jogaram sobre o espeto. Depois, ao perceberem o que haviam feito, valeram-se do que tinham lido e inventaram toda aquela história sobre tiros e morcegos.

Hilgenstiller cobriu o rosto jogando a cabeça para trás. Dia após dia aquelas sessões vinham se repetindo. Estava cansado, realmente cansado. Voltaria ao hotel, dormiria pesadamente para, na manhã seguinte, ser acordado de novo pelos policiais.

Não lhe permitiam viajar. Havia retido seu passaporte. Estava preso em Paris.

— Mas voltemos ao que nos interessa, professor. O que veio fazer em Paris?

— Atender a um convite de Dominique Pinon.

— Para quê?

— Para assisti-la nas reportagens sobre o vampiro.

— Por que a matou, professor?

— Eu não a matei, tenente. Está cansado de saber disso. Eu não podia tê-la matado e sugado todo o sangue de seu corpo. O porteiro me viu chegar e me ouviu gritar por socorro cinco minutos depois. Ele comprova tudo o que eu disse. Não havia motivo, não havia tempo... Vá para o inferno! — explodiu, erguendo-se e caminhando para a porta.

— Ande vai, professor?

— Vou sair daqui e só voltarei quando tiverem uma acusação contra mim. Mandarei chamar meu advogado. Tenha uma boa noite, tenente — finalizou, saindo e batendo a porta com violência.

\*\*\*

A garota desceu do carro, contornou-o indo se debruçar à janela. O rapaz estendeu a mão e acariciou seus cabelos.

— Eu a vejo amanhã, outra vez?

— Eu o espero na saída da loja... — prometeu ela, avançando os lábios carnudos e sensuais.

Ele firmou sua mão à nuca da jovem e pressionou seus lábios contra os dela, sugando-os apaixonadamente. Separaram-se antecipando a saudade. Ela sorriu. Ele acelerou e partiu. Ela acenou, depois se voltou e abriu o porão.

Atravessou o jardim. Um ruído de passos sobre as folhas secas a fez se voltar. O luar banhava um vulto de homem. Ele estremeceu, fixando-se naqueles olhos que pareciam brilhar dentro da noite.

Algo hipnótico, sobrenatural e forte a fez permanecer ali, imóvel, enquanto ele se aproximava. Seus olhos se tornaram injetados e longas presas avançavam, destacando-se sobre os lábios inferiores.

Seus braços se abriram, atraindo-a. Ela percebeu o perigo e o medo a aterrorizou, mas não conseguia fugir àquela atração.

Ele a segurou pela cintura, levando-a bruscamente para um canto escuro, junto ao muro. Pressionou seu corpo ao dela, aspirando o perfume jovem e delicioso.

Suas presas arranharam-lhe o rosto. Seu hálito fétido varreu-lhe o pescoço torneado. Rosnando como uma fera, ele se esfregou a ela, dominando por intensa volúpia.

Suas mãos frias desceram pelos ombros da garota, apertaram-lhe os seios, enquanto os lábios se colavam sobre a veia palpitante do pescoço.

A jovem estremeceu. Uma fisgada aguda fez crispar seu corpo. Rosnando e resfolegando, Drácula a apertava e sugava o sangue que jorrava da ferida.

Uma volúpia indescritível abalava seu corpo violentamente, enquanto percebia suas forças aumentarem, a medida que fugiam as dela.

Primeiro a cabeça pendeu para o lado e os olhos se fecharam, apagando a expressão de terror. Depois, seus músculos ganharam a lassidão da morte, lenta e gradativa, enquanto todo seu sangue era roubado.

A última gota se fora. Drácula rosnou deliciado e soltou o corpo, que deslizou pesadamente. Olhou-a, ofegante ainda. Ela estava morta, mas reviveria se seu coração não fosse destruído.

Um desejo desafiador o fez sorrir macabramente. Afastou-se até uma árvore desfolhada e quebrou um galho pontiagudo.

## CAPÍTULO 2

A noite estava fria e o vento que soprava sobre o Cemitério de Saint Germain parecia clamar contra a profanação, agitando galhos esqueléticos, segredando uma estranha e macabra melodia.

As folhas secas, roçando o calçamento e as tumbas, sussurravam mau agouro. Uma sombra disforme esgueirava-se por entre as lápides, levando uma lanterna numa das mãos, iluminando lousas como se procurasse um nome.

Era Torg, apressa em cumprir mais uma das sinistras ordens de seu mestre. Movido apenas pelo instinto de obediência, como um cão treinado, ele se dispunha a realizar todo o tipo de missão.

Estacou, finalmente, ofegante. Depositou a lanterna junto ao cimento fresco de um túmulo. Com as unhas ele arranhou o material, sentindo sua consistência.

Do bolso interno de seu casaco, retirou um martelo de madeira e um formão. Corrigiu a posição da lanterna, iluminando a entrada recém-fechada.

Olhou ao seu redor, depois começou a escavar o cimento, soltando a laje que tapava o jazigo. Às vezes interrompia-se para erguer o corpo deformado e ofegar ruidosamente. Investigava os arredores e retornava, em seguida, ao seu trabalho.

Uma coruja piou, agourenta, numa árvore próxima. Torg levantou os olhos por instantes, procurando-a. Gostava das corujas. Não gostava dos lobos. Podia até tolerar os morcegos, mas detestava os lobos.

Era um ódio irracional. Ele não compreendia bem sua origem. Sabia apenas que odiava aqueles animais. Eles lhe provocavam uma repulsa incontrolável.

Voltou a se concentrar em seu trabalho. A laje estava solta. Torg retirou-a. Os frisos cromados de um ataúde de luxo se mostraram pela abertura.

Ele respirou fundo e estendeu o braço o mais que pôde, segurando uma das alças. Puxou lentamente, até retirá-lo do jazido.

Soltou os fechos e ergueu lentamente a tampa. Um rosto pálido, deformado pela morte, encarou-o. Torg inclinou-se e segurou-o pelas axilas, erguendo-o sem dificuldade.

Foi apoiá-lo contra outro túmulo. A rigidez cadavérica fez com que o corpo permanecesse em pé, imóvel, como uma maligna estátua ofendendo a paz das cruzes.

O corcunda respirou fundo novamente, depois se sentou por instantes, tomando fôlego aparentemente ou saboreando aquela calma e aquele silêncio, quebrados apenas pelo vento que protestava.

Retirou um pacote do bolso e depositou-o ao lado do túmulo. Abriu-o em seguida e olhou ao seu redor. Caminhou em frente, alheio às sombras.

Encontrou o que procurava. Era um balde junto a uma torneira. Apanhou um pouco de água e retornou. Despejou o conteúdo do pacote no balde e misturou-o com o formão.

Recolocou a laje e cimentou-a. Depois foi lavar o balde e as mãos. Quando retornou, fitou o cadáver e sorriu tétrica e zombeteiramente.

A morte não o afetava. Apanhou a lanterna e examinou seu trabalho. Tudo estava como antes. Ele guardou-a e caminhou até o cadáver.

O odor putrefato não o incomodou. Firmou-o em seus braços e caminhou rumo à saída.

\*\*\*

Quando o táxi parou diante do hotel, Hilgenstiller pagou o motorista e desceu. Não entrou de imediato. Ficou observando a rua. Viu quando um carro se aproximou lentamente e estacionou do outro lado.

Os homens em seu interior olharam-no disfarçadamente. O cientista sabia que eram policiais. Havia sido assim todas as noites, desde a morte de Dominique.

A vigilância era constante. Pela manhã, dois deles compareciam, indo acordá-lo. Era levado ao interrogatório, de onde só sairia à noite.

Estava cansado e abalado com tudo. O desânimo o abatia. Drácula estava solto, impune por mais um crime. Ninguém acreditava em suas advertências. Era preciso pôr um fim em tudo aquilo, mas se sentia tolhido.

Era como se estivesse, de fato, preso. Os policiais não lhe davam trégua. As perguntas capciosas durante o interrogatório indicavam o desejo da polícia de incriminá-lo pela morte de Dominique, a corajosa jornalista, que ousara publicar reportagens sobre Drácula.

Respirou fundo e caminhou para a entrada. Dirigiu-se à portaria. Um rapaz sonolento ergueu-se.

— Professor, aquelas duas garotas o esperam há horas... — disse, apontando-as a um canto, sonolentas e cansadas também.

Hilgenstiller as olhou discretamente. Pela aparência e pelos modos, não tinha dúvidas. O que duas prostitutas queriam dele?

Apesar do cansaço, percebeu o quão importante poderia ser aquela visita, lembrando-se do que dissera a Dominique, certa vez. As vítimas do vampiro eram mulheres sem família, cujas faltas não seriam sentidas. Desse modo, talvez aquelas duas estivessem ali por um bom motivo.

Ia caminhar para elas, quando o rapaz pigarreou, chamando-lhe a atenção.

— Professor... Tomamos a liberdade de preparar sua mala...

O cientista o encarou sem compreender.

— Não vou viajar... Aliás, não posso viajar...

— Sei disso, senhor, mas foram ordens... Parece que o jornal não irá mais pagar suas despesas...

— E qual o problema? Eu posso pagar...

— Eu sinto dizer-lhe isso, professor, mas deve compreender, cumpro ordens apenas...

— Então diga!

— É que esses policiais, todos os dias aqui no hotel, estão preocupando a gerência. Isso incomoda os clientes e...

— Que se queixem à polícia, então. Não é minha culpa se...

— Eu sinto muito, professor. Vou mandar descer a mala — afirmou o rapaz, constrangido.

Hilgenstiller abaixou a cabeça e suspirou. Era difícil acreditar que tudo aquilo estivesse acontecendo com ele. Pretendia apenas ajudar, livrando a humanidade de uma praga infernal.

Queria ajuda para isso. Era demais para suas forças. Ao invés disso, recebia apenas incompreensão. Dominique, a única que acreditara nele e se propusera a ajudá-lo, estava morta, destruída pelo monstro.

Qualquer coisa estalou em sua mente, fazendo-o estremecer. Ele ergueu a cabeça e seus olhos se estalaram. Dominique já fora sepultada. Tivera seu corpo contaminado pela maldição do vampiro. Se uma estaca não fosse cravada em seu coração, retornaria como nova inimiga da humanidade.

Inquietou-se, nervoso e preocupado. Precisava fazer alguma coisa, mas nada havia que pudesse fazer.

— Escute! Sabe onde Dominique Pinon foi sepultada?

— Fala da jornalista que... — disse o rapaz, interrompendo-se ao se lembrar do envolvimento do professor.

— Sim, ela mesma...

— Em Saint Germaine, creio eu.

— Preciso de uma certeza! — Exclamou Hilgenstiller, debruçando-se sobre o balcão da portaria.

O rapaz recuou instintivamente para o fundo.

— sim, foi lá mesmo. Agora me lembro que vi no noticiário da televisão...

O professor levou as mãos à cabeça, ficando pensativo por instantes. As garotas, ao fundo, se ergueram, reconhecendo-o.

— Professor! — chamou Ninon, com um aceno.

Hilgenstiller caminhou até elas.

— Meu nome é Ninon... Está é Chamy... Precisamos falar com o senhor... É importante para nós... Achamos que nossa amiga foi morta pelo vampiro.

\*\*\*

Torg fechou a garagem, depois voltou a apanhar o cadáver em seus braços e levou-o para casa. Quando entrou, Drácula ergueu a cabeça para olhá-lo. Levantou-se, então, e foi ao seu encontro, olhando com verdadeiro ódio a figura diante dele.

— Aqui está, mestre. Fiz conforme me ordenou.

— Leve esse corpo para o sótão. Deixe-o lá, trancado...

— Mestre, é o corpo de um inimigo... — comentou o corcunda, como se não entendesse o motivo daquela ordem.

— Eu sei o que faço, Torg. Vá guardá-lo — ordenou Drácula, voltando a se sentar.

Torg passou com o corpo, levando-o para o sótão. Verificou as grades da janela. Eram resistentes. A porta era de madeira maciça, com uma sólida fechadura.

Voltou para a sala levando a chave. Drácula estava em sua cadeira, ainda, e parecia meditar. O corcunda passou diante dele e foi se sentar na poltrona vizinha.

Por algum tempo o silêncio reinou.



— Já me livre dos corpos daqueles três que ousaram invadir a casa e desafiá-lo, mestre.

Drácula apenas moveu a cabeça num sinal de aprovação.

— Também verifiquei os arredores, depois que a polícia veio e levou aquele carro na estrada. Pensei que viesse até aqui fazer perguntas, mas isso não ocorreu.

— Ótimo! — rosnou o vampiro, fechando os olhos.

Sua testa vincada e a expressão sinistra de seu rosto indicavam que ele parecia tramar algo. Torg podia sentir isso. Não seria um acesso de fúria. Drácula parecia calmo. Na certa se saciara naquela noite, tomando alguma bela garota em seus braços, esfregando-se a ela, roçando seu pescoço com os lábios sedentos.

Tivera carnes macias e tenras junto de si. Gozara um prazer que Torg ansiava gozar de novo.

Estremeceu, a volúpia provocando comichões em seu corpo.

— Quero que compre os jornais de amanhã, Torg. Ataquei um casal está noite. Matei o rapaz, mas não pude saciar minha sede com a garota. Na certa surgirá alguma coisa nos jornais. Descubra o endereço dela.

— Farei isso tão logo amanheça, mestre — prontificou-se o corcunda.

Olhou o vampiro. Drácula ainda tinha algo a dizer.

Pela expressão sombria de seu rosto, percebeu que ele tramava uma vingança. As palavras seguintes do monstro confirmaram suas suspeitas.

— Quero que verifique o que está fazendo aquele professor maldito. Sei que não deixou Paris. Estive num bar e ouvi alguns comentários. Tive de sair logo. As pessoas me olhavam como se me reconhecessem. Aquelas reportagens causaram-me mal, Torg. Preciso eliminar aquele homem. É perigoso demais para mim. Localize-o. Quero lhe mandar um presente de que jamais se esquecerá... Um presente de que jamais se esquecerá —

repetiu o vampiro começando a rir. — Um belo presente realmente! — quase gritou, gargalhando estridentemente.

Aquele som horrendo, mistura de guincho e grunhido, ecoou pelas paredes da casa, assustando os ratos que se esgueiravam pelas frestas.

Ainda gargalhando, Drácula se ergueu e caminhou na direção da ala onde estavam seus aposentos. O ataúde o esperava para um dia de repouso. Quando a noite chegasse novamente, a sede de sangue o poria de pé e o lançaria contra o mundo, à cata de novas vítimas.

\*\*\*

Ivy Chanton, o tenente-detetive, entrou na sala, aspirando o forte cheiro de formol. Sobre a mesa ao centro, coberto por um lençol, havia um cadáver. O médico, ao lado, levantou a ponta do tecido, mostrando-o ao policial.

— É uma garota... Pouco mais de dezoito anos. Sem uma gota de sangue e com essas marcas no pescoço... Vê?

O cansaço irritava o policial. O médico parecia sugerir alguma coisa em seu tom de voz, Ivy encarou-o.

— E como acha que ela morreu?

— É difícil dizer... Estado de choque, creio. Ou talvez isso — disse, descobrindo mais e mostrando a chaga entre os seios. — Espetaram-lhe um galho entre os seios. A violência foi tanta que ele se quebrou e ficou preso entre as costelas. Pedi autorização à família para retirá-lo, mas preferem que fique assim. Talvez não queiram retalhar o corpo da moça ou...

— Ou? — ajudou o policial.

— Nada, tenente — disse o médico, voltando a cobrir o corpo.

Ivy esfregou as mãos no rosto. Tudo estava se tornando muito confuso. Aquela febre de vampirismo estava ameaçando jogar a cidade numa onda de crimes insolúveis.

Tornava-se fácil para os marginais agirem, imitando a forma de agir de um vampiro. As reportagens no Le Roy haviam fornecido detalhes.

— Posso liberar o corpo para a família? — indagou o médico — A perícia já esteve aqui e fotografou.

— Sim, faça isso... Pensei que meu dia estivesse terminando... Os jornais sabem alguma coisa sobre o fato?

— Não sei...

— Terei que ligar para todos eles, então. Não quero que publiquem nada sobre isso. Iria apenas reforçar o mito e dar novas idéias aos criminosos e assassinos da cidade. Que bela situação aqueles incoseqüentes foram criar! — lastimou, deixando a sala.

\*\*\*

Genny Mataint reforçou o batom dos lábios, depois apanhou o estojo de sombras e pincelou ao redor dos olhos. Piscou algumas vezes, antes de colar os cílios postiços.

Afastou o rosto por instantes para melhor se observar ao espelho. Tudo estava perfeito. Sua beleza serena ganhava toques agressivos com a maquilagem carregada.

Ergueu-se. Vestia apenas um maiô de malha cor-da-pele, colado ao corpo, sugestivo e bem torneado. O tecido transparente deixava perceber, à altura dos seios, dois botões preciosos e escuros. Sob o ventre, o triângulo sedoso se destacava, sensual e provocante.

Um pouco mais afastada do espelho, fora do foco de luz do abajur, seu corpo parecia nu, na cumplicidade das sombras. Era esse o efeito desejado pelo homem da boate que a contratara.

Apanhou uma blusa e a vestiu. Depois abotoou uma saía e calçou os sapatos. Estava pronta para sair. Passava da meia-noite. Genny nunca fora corajosa. Sentiu, mais do que nunca, a falta do irmão.

Aimê era um bom rapaz, merecia destino melhor. A vida lhe fora madrasta. A morte fora cruel. Apesar do corpanzil deformado, tinha uns olhos bondosos e serenos.

Suspirou, olhando a fotografia na moldura, sobre a penteadeira. Lá estava Aimê, com seu sorriso bom e confortador. A corcunda não o enfeava, como ele sempre supunha. Ou talvez fosse o amor da irmã que o fizesse belo.

Terminando de se vestir, foi apanhar a bolsa. Olhou-se pela última vez e retocou o batom que borrara num canto da boca.

Deixou a casa. A rua estava vazia. Ela teria de caminhar algumas quadras, até uma avenida, onde seria fácil conseguir um táxi até a boate.

Em outros tempos, quando Aimê a acompanhava, fazia todo o trajeto até o trabalho. Iam conversando. Agora tudo passara. Tinha medo de andar nas ruas à noite, principalmente depois do que lera nos jornais sobre o tal vampiro.

Não bastassem os tarados e os engraçadinhos, só faltava mesmo um vampiro para aterrorizar suas noites. Precisava de um emprego melhor.

Vinha tentando, inutilmente. A vida em Paris a empurrara para um círculo-vicioso que sufocara e abortara todas as suas aspirações.

Quando viera para a cidade grande, tencionava estudar à noite e trabalhar durante o dia. Sem experiência e estudos, fora difícil um emprego. Tivera de aceitar aquele, que a impedia de estudar. Despir-se todas as noites, diante de olhos obscenos, era degradante.

### CAPÍTULO 3

O professor ouviu com atenção toda a narrativa de Ninon. Quando esta terminou, ele estava ansioso por detalhes mais consistentes.

— A placa, não consegue mesmo se lembrar dela? — indagou.

— Já disse, professor. Eu sinto muito... Ficou tudo confuso em minha mente... O medo que passei...

— E o corcunda, tem certeza sobre ele?

— Sim, eu o vi claramente...

— Sabe quais foram os passos seguintes dos rapazes?

— Não os vi mais... Eu os procurei, fui até a casa onde moravam. Ninguém soube informar. Desapareceram com o carro.

— Quem tinha um carro?

— Brague.

— Talvez fique mais fácil começar por aí... — disse o professor, observando que um dos rapazes do hotel trouxera sua maleta e a depositara no balcão da portaria.

Conversou por instantes com o encarregado, depois olharam disfarçadamente na direção do cientista. Na certa o conteúdo da maleta os havia intrigado.

— Vai nos ajudar então? — indagou Ninon.

— Vocês procuraram a polícia? — quis saber.

— Acha que acreditariam em nós? — retrucou Ninon.

— Penso que não — respondeu ele, num suspiro.

As duas continuaram olhando-o em suspense. Hilgenstiller compreendeu que aquela era uma pista importante. Drácula ainda estava em Paris, estava seguro disso.

Pensou por instantes. Teria de deixar o hotel. A polícia estava lá, vigiando-o. Enquanto eles mantivessem aquela vigilância, ele nada poderia fazer.

Percebeu o que tinha a fazer. Provavelmente o hotel tivesse uma saída pelos fundos. Sairia sem deixar pistas.

— Vocês acreditam realmente na existência de um vampiro? — indagou com seriedade.

Ninon e Chamy estremeceram, entreolhando-se.

— Nós o vimos, não vimos? Foi ele quem levou Marie... Possivelmente tenha sido ele quem deu sumiço nos rapazes... Por que não acreditaríamos?

— Está bem, então, mas devo dizer-lhes que estou sendo vigiado pela polícia. Acho que estão cientes disso, não?

— Sim, acompanhamos pelos jornais e pela televisão — confirmou Ninon.

— Vocês saem, aguardam-me naquela praça junto ao obelisco. Vou cuidar de alguns detalhes e irei ter com vocês em poucos minutos.

As duas concordaram. Assim que saíram, Hilgenstiller foi apanhar sua maleta. As despesas até ali haviam sido pagas pelo jornal. Ele puse diu uma informação qualquer ao rapaz da portaria, depois esgueirou para os fundos do prédio, onde localizou a saída.

Momentos mais tardes, estava na rua, longe das vistas dos polícias que vigiavam a frente do hotel, então, ao encontro das garotas.

Localizar Drácula era importante, mas havia algo mais urgente a fazer. Assim que se juntou a elas, indagou:

— Vocês ouviram ou viram alguma coisa sobre o sepultamento de Dominique Pinon?

— Sim, ela foi sepultada em Saint Germaine — informou Chamy.

— Escutem! Pode parecer insanidade minha, mas acreditem-me, é importante ir àquele cemitério, ainda esta noite, se possível. Se não quiserem me acompanhar, eu compreenderei. Pensando melhor, é bom que não se envolvam nisso. Tenho uma missão a cumprir. Vou me encontrar com vocês depois. Podem me dar o endereço?

— Estaremos no Café do Pierre, em Saint Denis, não será difícil achá-lo. Agora... Está dizendo que vai ao cemitério?

— Preciso ir, preciso mesmo — confirmou ele, erguendo sua maleta e retirando dela uma das pontiagudas estacas.

As garotas ficaram estarecidas.

— Preciso cravar isso no coração de Dominique ou a maldição do vampiro a afetara, fazendo dela um vampiro, também. Ali vem um táxi. Tomem-no e vão para lá. Irei ter com vocês assim que terminar — prometeu ele.

Quando elas se afastaram, Hilgenstiller procurou um outro táxi e, algum tempo mais tarde, estava nas proximidades do suntuoso cemitério.

Caminhou na direção do portão de entrada. As árvores desfolhadas, o vento frio que soprava, tudo criava um clima de medo e suspense.

Julgou que encontraria alguma dificuldade para entrar, mas estranhamente o portão estava aberto. Verificou a fechadura. Havia sido forçada com violência. Um pressentimento o fez se apressar.

A neblina subia lentamente, avançando pelo céu, empanando o brilho da lua. Uma coruja piou como o rasgar de uma mortalha. Seria difícil localizar o túmulo. Não tinha idéia onde Dominique poderia ter sido sepultada.

Guiou-se pela suposição, caminhando para o fundo. Um terreno gramado delimitava o avanço dos túmulos. Provavelmente os novos estariam em alguma parte, naquela linha.

Procurou cuidadosamente, aproveitando-se da claridade que gradativamente ia sendo ofuscada pela neblina. Parou diante de um jazido, finalmente. Podia ler o nome na placa: Dominique Pinon.

Procurou a provável localização da abertura. Quando seus dedos tocaram o cimento fresco, um arrepio percorreu seu corpo.

Não fazia sentido aquilo, a menos que o túmulo tivesse sido violado naquela mesma noite. Abriu sua maleta e retirou o crucifixo de extremidades cortantes. Não foi difícil remover a laje. Retirou o ataúde. Estava ofegante. Gotas de suor porejavam de seu rosto, apesar do frio. Uma febre misteriosa queimava-lhe as entranhas, ao tentar imaginar o que encontraria ali dentro.

Talvez Drácula tivesse tomado o cuidado de destruir a maldição que inoculara em Dominique. A maneira como fizera isso poderia ser aterradora.

Abriu os fechos e levantou a tampa. Estremeceu, os olhos esbugalhados de surpresa e espanto.

O ataúde estava vazio.

\*\*\*

Fora um péssimo dia de trabalho para Ivy Chanton. Após outro encontro com o professor, a quem julgava um louco, tivera nas mãos dois casos simplesmente estarrecedores. Primeiro aqueles caçadores; depois, aquela jovem assassinada de modo tão brutal.

De Algum modo, responsabilizava o jornal pelo que acontecia. Aquelas reportagens haviam despertado instintos inimagináveis nos criminosos da cidade. Possivelmente o pior ainda estava por vir.

Foi apanhar seu casaco. Estava cansado demais para pensar em qualquer coisa. Uma boa noite de sono e poderia precisar com mais calma o que deveria ser feito que se alastrassem como uma epidemia maligna.

— Tenente, um chamado para você. É de Phill!



— Que dia! — resmungou, terminando de vestir o casaco.

Foi apanhar o telefone. Phill era um dos policiais encarregados de vigiar o professor.

— Tenente, o homem sumiu! — informou o outro.

— Como disse?

— Ele sumiu.

— Como isso aconteceu?

— Nós o seguimos até aqui. Depois entramos para nos certificar, como fazemos todas as noites. O rapaz da portaria nos informou então, que ele havia saído.

— Pois então, trate de encontrá-lo! — ordenou, batendo o telefone.

Não queria pensar em mais nada. Não podia pensar em mais nada ou explodiria.

\*\*\*

Hilgenstiller entrou no café e olhou à procura das garotas.

Ninon, preocupada, levantou-se e foi ao seu encontro. A palidez no rosto dele, aquela expressão muda de terror em suas faces e o visível cansaço, tudo indicava que aquele homem estava à beira de um colapso nervoso.

Levou-o para uma das mesas ao fundo. Hilgenstiller sentou-se pesadamente. A carga estava se tornando pesada demais para seus ombros. Lutar contra um monstro sobrenatural, imprevisível e inatingível, era uma tarefa árdua, impossível.

Olhou ao seu redor. Os rostos preocupados de Ninon e Chamy fizeram-no se lembrar de sua própria filha. Todas aquelas cenas terríveis, acontecidas no passado, voltaram a sua mente brutalmente, dilacerando seu coração de pai.

Tinha de continuar. Tinha de exterminar o monstro para que outros não enfrentassem a mesma tragédia por ele enfrentada. Não podia esmorecer.

O cheiro forte do conhaque que Ninon aproximou de seus lábios pareceu reanimá-lo. Ele aceitou um gole, depois outro. O frio que o fazia tremer não era o frio da natureza: parecia vir de dentro dele, como um ódio mortal e incontido que despertava forças julgadas impossíveis.

— Sente-se melhor agora? — indagou Ninon.

— Sim, estou bem.

— O que houve, professor?

— Eu prefiro que vocês não saibam. Preciso descansar, agora. Há algum hotel por perto?

— Sim, aqui perto mesmo. Não é de luxo, mas...

— Não se preocupe quanto a isso, minha cara. É um local onde, por certo, a polícia não me procurará. Devem compreender que isso vai limitar minhas atividades. Vocês terão de agir por mim. Estão dispostas a isso?

— Tudo que for preciso, professor! — prometeu Ninon.

— Muito bem. Amanhã, pela manhã, quero que vão ao Departamento de Trânsito. O carro daquele rapaz...

— Brague — lembrou Chamy.

— Sim, é nossa pista inicial. Se algo aconteceu a eles, devem ter encontrado o carro e levado para lá. Investiguem isso, Estarei à espera de vocês, tão logo descubram alguma coisa. Eu me sinto cansado demais...

— Vamos acompanhá-lo até o hotel, professor — prontificou-se Ninon.

Algum tempo mais tarde, num desconfortável quarto de hotel barato, Hilgenstiller olhava pela janela. Seus pensamentos eram sombrios. Não podia entender o que houvera com o corpo de Dominique.

Drácula vinha tendo cuidado com suas vítimas, impedindo que a maldição se espalhasse. Se ele havia profanado o túmulo e levado o corpo, Hilgenstiller não conseguia entender o motivo.

Não quis pensar em mais nada. Foi para a cama e se deitou, desligando o abajur descorado. Na escuridão, rostos indefinidos lamentavam, pedindo justiça. Ao centro deles, como um talismã a impulsioná-lo, estava o rosto de Larah, sua pobre filha.

\*\*\*

Mal o dia havia raiado, Torg foi à cidade comprar os jornais pedidos por Drácula. Procurou pela notícia a respeito da jovem que ele atacara e do rapaz que fora morto. Ali estava, também, o nome e o endereço da garota. Mas, naquele momento, ela se encontrava no hospital.

Procurou alguma coisa a respeito do professor. Ali mencionava que ele que ele continuava sob suspeita, mas que as testemunhas a seu favor acabariam por livrá-lo de qualquer acusação.

Havia uma foto dele, diante de um hotel. Pelo nome seria fácil localizá-lo. Procurou uma cabine telefônica e consultou a lista. Anotou o endereço do hotel. Depois certo de que deveria verificar, ligou para lá.

Informaram-no que Hilgenstiller havia deixado o hotel na noite anterior e que não sabiam de seu paradeiro. Torg teria de encontrá-lo, Drácula exigiria isso.

Voltou ao carro. Ia retornar à casa, quando uma garota que passava chamou-lhe a atenção. Ela lembrava alguém que ele conhecera, embora não conseguisse precisar quem fosse.

Dominado pela curiosidade, ele a seguiu. O dia mal começava e não havia muito movimento nas ruas. A garota tomou um táxi logo na esquina. Torg seguiu o veículo até um bairro pobre da cidade.

Viu-a entrar numa pequena casa, com um jardim agora mal cuidado, mas que aparentava ter sido bem tratado em outros tempos. Pedras estavam

cuidadosamente enfileiradas, formando canteiros, onde arbustos se misturavam às flores que o outono tornava murchas.

Ficou ali por algum tempo, aquele rosto dançando em sua mente curiosamente. De repente, seu rosto se iluminou e ele grunhiu de satisfação.

A semelhança era incrível realmente. Aquela garota se parecia com a filha daquele maldito professor que perseguia seu mestre.

Lembrava-se claramente agora. Talvez aquilo interessasse Drácula. Afinal, o vampiro estava planejando vingar-se do professor. Nada poderia atormentá-lo mais que reviver sofrimentos passados.

Sorriu macabramente. Talvez não tivesse o endereço do professor para contentar seu mestre, mas isso poderia ficar para mais tarde.

\*\*\*

Ninon e Chamy deixaram o veículo e rumaram para a escadaria que as levaria ao prédio do Departamento de Transito. Com os rostos livres da maquiagem carregada, pareciam envelhecidas, apesar de seus corpos esculturais.

Caminharam pelos corredores, à procura da seção de informações. Aguardaram algum tempo na fila, até que chegasse sua vez.

— Procuramos três amigos que estão desaparecidos. Saíram com um carro há quase uma semana. Tememos que tenha se acidentado — disse Ninon.

— Preencha este formulário com os dados do veículo, se é que se lembra... Use letra de forma, por favor — pediu o rapaz.

Juntas conseguiram se lembrar dos detalhes solicitados. Passaram o formulário preenchido ao rapaz, que o levou até a sala do computador. Ali, em poucos segundos, obteve a informação que elas desejavam.

O carro foi recolhido pelo departamento. Está no pátio, atrás do prédio. Um funcionário lhes dará todas as informações a respeito. O seguinte, por favor!

Ninon e Chamy rumaram para os fundos do prédio, chegando a um pátio enorme, com algumas dezenas de veículos. No íntimo, talvez desejassem encontrar o veículo todo amassado e receberem a informação de que todos os três haviam se acidentados.

Esta hipótese, pelo menos seria mais aceitável que aquela outra que incomodava suas mentes e fazia o sobrenatural se tornar algo tão próximo delas que podiam sentir-lhes as garras envolvendo-as e enchendo-as de medo.

— Ali está! — apontou Chamy.

Aproximaram-se. O carro estava intacto externamente. Seu interior, no entanto, demonstrava que havia sido roubado. Todos os acessórios de que Brague se orgulhava havia sido retirados, inclusive os assentos.

Um velhote, com uniforme do departamento, se aproximou delas.

— Reconhecem o veículo? — indagou.

— Sim, pertencia a um amigo nosso. Pode nos informar alguma coisa?

— Acho que sei tanto quanto vocês. O carro foi encontrado abandonado nos arredores da cidade, mais precisamente na estrada de Fontainebleu, quilômetro vinte e cinco — disse, após consultar uma papeleta presa ao que restava do volante do carro.

— E quanto a seus ocupantes? — indagou Ninon, temerosa.

— Presume-se que foram assaltados em algum ponto da cidade e mortos. Os assaltantes livraram-se de seus corpos, depois levaram o carro para lá, retirando tudo que tivesse valor.

## CAPÍTULO 4

Quando as garotas chegaram ao hotel. Hilgenstiller estava no saguão, junto à janela, folheando apressadamente um jornal.

Elas se aproximaram e, ao vê-las, ele abaixou o jornal e encarou-as interrogativamente.

— Procuramos o carro. Tudo indica que eles foram assaltados, pois o carro estava sem os seus acessórios mais valiosos. Eu prefiro que tenha sido assim, professor. O que acha? — indagou Ninon.

— Seria preferível... Estamos na estaca zero, então. Se ao menos você se lembrasse da placa do carro...

— Que carro? — quis saber Chamy, distraída no momento.

— O carro com o homem que levou Marie e que, mais tarde, eu vi com aquele corcunda — informou Ninon — Eu havia anotado o número, mas o passei ao Brague e não consigo me lembrar. O que vamos fazer agora, professor? Eu sinto que algo trágico aconteceu e Marie. Gostaria de descobrir...

— Isso não vai ser nada fácil — disse o professor, passando-lhe o jornal.

Havia traçado um círculo ao redor de uma notícia curta sobre um acontecimento policial. Bêbados haviam atacado uma garota e matado seu namorado. Hilgenstiller os vira na noite anterior na polícia.

— Aqui diz que a garota está no hospital. Não seria interessante falar com ela, professor? — sugeriu Ninon.

— Se eu conheço um certo tenente-detetive da polícia parisiense, estou certo que há um verdadeiro aparato cercando a garota. Seria muito arriscado eu tentar falar com ela. Na certa eles estão a minha procura agora.

— Então o que podemos fazer? — indagou Chamy.

— Temos de achar uma pista... Como era o carro que viu com o corcunda? — quis saber Hilgenstiller.

Ninon descreveu. Era um carro de luxo, fácil de ser reconhecido. Não deveria haver muitos iguais a ele na cidade, pela descrição de Ninon.

— Talvez alugado... — murmurou Hilgenstiller, erguendo-se e indo apanhar a lista telefônica sobre o balcão da portaria.

Ao consultá-la, porém, uma expressão de desânimo estampou-se em suas faces. Era uma longa lista a que tinha pela frente.

Ninon e Chamy se aproximaram, olhando-o interrogativamente.

— Em que pensou, professor?

— Talvez o carro pertença a uma locadora...

— Ou a um revendedor. Se o vampiro veio para cá há pouco tempo, não será difícil descobrir, pelas características do carro, não? — opinou Ninon.

— Mas teríamos de consultar todas as locadoras e revendedoras da cidade. Já imaginou quanto tempo isso vai demorar? — disse o professor.

— Eu e Chamy podemos nos sentar no café do Pierre e telefonar para todas elas. O que me diz? — indagou Ninon.

— Parece ser a única solução. Vamos gastar um bocado em fichas telefônicas... Isso me faz lembrar de algo. Vou verificar agora mesmo — disse ele, folheando a lista telefônica até encontrar o que procurava. — Ótimo! Meu banco tem uma agência aqui. Preciso solicitar algum dinheiro. Eu não estava preparado para essa estada forçada aqui... Mas posso fazer isso mais tarde. Agora creio que devemos começar nossa busca sem mais demora — decidiu.

\*\*\*

Phill se apresentou constrangido diante do tenente. O humor do superior não parecia dos melhores, depois da noite atribulada que tivera.

Ivy tamborilou os dedos sobre o tampo da escrivaninha, depois ergueu os olhos para Phill.

— E então? — indagou.

— Nós o perdemos mesmo, tenente. Deixou o hotel e não pudemos encontrá-lo. O pessoal continua procurando, mas... Paris é uma cidade grande...

— Desculpas, sargento, não vão resolver. Aquele homem é suspeito de um crime. O superintendente ligou para mim agora cedo. Quer que acabemos de uma vez por todas com essa história de vampiro. A chave para tudo é aquele professor. Temos de encontrá-lo a qualquer custo...

— Mas já não sabemos o que fazer, tenente. Vasculhamos todos os hotéis registrados, mas há aqueles clandestinos, as pensões, as casas que alugam quartos indiscriminadamente...

Ivy abaixou a cabeça e pensou por instantes. Estava com a pasta do caso Dominique diante de si. Folheou-a distraidamente, enquanto tentava encontrar um meio de encurralar Hilgenstiller.

Parou numa das folhas e ficou observando uma frase sublinhada no depoimento do diretor do jornal. Phill, diante dele ainda, mexeu-se com inquietação.

— Sente-se, sargento — ordenou-lhe Ivy, olhando aquela frase no papel, como se ali estivesse a chave para localizar o professor.

Seu rosto se iluminou num sorriso satisfeito. Encarou o sargento, que aguardou alguma ordem.

— Se você fosse convidado para ir a um país vizinho, com todas as despesas pagas, o que faria? — indagou Ivy.

— Eu não perderia isso por nada, tenente — apressou-se em responder o outro, com um sorriso estúpido nos lábios.

Ivy riu.

— Por isso é apenas sargento, Sr. Phill — disse o tenente.



— Como, senhor?

— Esqueça o que disse... É algo que está aqui — falou Ivy, apontando o depoimento na pasta. — Hilgenstiller veio para cá a convite do jornal com todas as despesas pagas. O jornal cortou-lhe esse privilegio a partir de ontem. É quase certo, portanto, que Hilgenstiller vai precisar de dinheiro. Vamos agir junto a todos os bancos que possuem matriz em Londres. Se ele pedir alguma transferência de dinheiro, nos o acharemos — explicou o tenente.

O sargento sorriu, compreendendo a brilhante dedução.

\*\*\*

Anoitecia.

Sentados junto ao telefone, o professor e as garotas davam mostras de desânimo e extremo cansaço. Haviam passado todo o dia tentando localizar algum carro semelhante àquele descrito por elas.

— Descontando as agencias que não quiseram informar, por razões de sigilo, temos aqui o nome e o endereço de dez proprietários de carros como aquele. São todos nomes franceses e endereços aqui da cidade. O que temos a fazer é falar com um deles...

— Ou então ir aos endereços, o que acho mais prudente. Poderíamos vigiar o carro, até ver seu motorista... — sugeriu Ninon.

— Sim, mas isso vai nos tomar muito tempo... Se houvesse um outro meio mais rápido...

— Acho que é o único meio, professor. Se ligarmos para os endereços, formos atendidos pelo corcunda ou... Pelo vampiro... Na certa vão mentir — lembrou Ninon.

— Você está certa quanto a isso. Sugiro uma refeição antes dessa tarefa. Estão dispostas a começar hoje mesmo?

— Pode contar conosco — respondeu Chamy, com a aprovação de Ninon.

\*\*\*

Torg trouxe o jornal e o entregou na mão de Drácula. O vampiro o folheou rapidamente, depois deixou-o de lado.

— E quanto ao professor, descobriu alguma coisa?

— Não, mestre. Ele deixou o hotel e não souberam dizer para onde foi... — informou, mas a expressão de seu rosto dava a entender que tinha algo mais a dizer.

— Continue! — ordenou o vampiro.

— Mestre, hoje pela manhã, quando fui comprar o jornal, vi algo que julguei poder interessá-lo, já que percebo sua intenção em livrar-se daquele inimigo...

Os olhos de Drácula brilharam acentuadamente. Ele fez um gesto de mão, animando o corcunda a continuar.

— Vi uma garota, mestre, muito parecida com a filha do professor. lembra-se dela?

O vampiro sorriu, acenando afirmativamente com a cabeça.

— Eu a segui, tenho seu endereço.

— É realmente parecida com a filha dele?

— Sim, eu mesmo fiquei surpreso.

— Gostaria de vê-la. Isso me desperta pensamentos diabólicos a respeito daquele homem. Se ele desapareceu, há um meio de fazê-lo aparecer, se a garota for realmente semelhante à filha que ele perdeu por minha causa.

— É uma pequena casa, em Patin. Anotei o endereço aqui no jornal — disse, mostrando-o.

— Eu a visitarei esta noite. Prepare a casa, Torg. Talvez tenhamos uma hóspede. Além disso, quero que consiga uma câmara fotográfica ainda está noite. Vamos dar ao Prof. Hilgenstiller uma surpresa de que jamais se esquecerá.

Torg, apesar de não haver entendido, aprovou. Drácula ergueu-se, a figura horrenda caminhou até a janela. Por instantes brilhou intensamente, depois deu lugar à sombra negra e aterrorizante do enorme morcego, voando em busca da noite.

O corcunda olhou, ao redor. Precisava limpar a poeira da casa e prepará-la. Não conseguia entender o que Drácula quisera dizer quanto à hospede.

Antes, porém, tinha de providenciar a câmara fotográfica. Não fazia sentido a ordem, mas não havia outra coisa a fazer senão cumpri-la.

\*\*\*

Michelle Ferrot abriu os olhos e ficou olhando demoradamente a figura sorridente e bondosa do médico que se sentará à beira do leito.

Aquela expressão de terror ainda marcava o rosto dela. A cena de violência que vivera possivelmente jamais se apagaria de seu rosto.

Lembrou-se de Victor, seu namorado e seus olhos se moveram com inquietação.

— Sente-se melhor agora? — indagou o médico, tomando-lhe o pulso.

Michelle encolheu-se toda, fugindo ao gesto, como se ele a fizesse lembrar algo aterrorizante. O médico compreendeu e procurou transmitir confiança.

— Está tudo bem agora, Michelle. Só queria sentir-lhe o pulso...

A garota baixou os olhos, olhando seu braço. Parecia sentir ainda a pressão dolorosa daquelas garras frias que a haviam magoado.

— Onde está Victor?

— Victor está bem... Nossa preocupação é você apenas — descartou.

— Quero vê-lo... E minha família, onde está?

— Estão todos lá fora. Muita gente quer ver você, mas tem que me provar que está bem...

Ela o encarou pateticamente.

— O que houve doutor? Quem era aquele homem...

— Depois você fala sobre isso. Agora me deixe examiná-la — insistiu, estendendo gentilmente a mão e segurando-lhe o pulso.

Uma careta de dor desenhou-se no rosto dela. O médico afastou a manga da camisola e olhou a mancha arroxeadada da contusão. A altura do pulso, Michelle levava com toda certeza uma pancada violenta para que se produzisse aquele resultado.

— Foi aí que ele segurou, doutor... Ele tinha os dedos frios como o gelo... Seus olhos brilhavam... E aquelas presas enormes... — disse, num sopro de voz angustiada, cobrindo o rosto.

O médico ficou olhando-a, sem entender o que ela queria dizer realmente. Não podia estar delirando. Os remédios que lhe prescrevera eram calmantes apenas.

Michelle descobriu lentamente o rosto.

— Quero ver minha família... E Victor também...

— Você os verá, mas antes...

— Quero vê-los agora.

— Compreenda, Michelle. Sei como isso é importante para você, mas o que passou foi registrado e está sendo apurado agora. Um policial está aí fora. Você terá de vê-lo antes de falar com alguém de sua família. Concorda? — indagou ele, preparando uma injeção.

Ela olhou desconfiada para a seringa.

— Para que isso?

— Apenas mais um calmante. É tudo de que precisa. Você me parece bem, talvez a mande para casa muito antes do que possam imaginar.

Ela sorriu debilmente, enquanto ele se aproximava com a injeção. Seu rosto jovem crispou-se por instantes quando ele a espetou. Depois, uma sensação de paz foi invadindo seu corpo gradativamente, fazendo-a relaxar confortavelmente.

— Tudo bem agora? — sorriu o médico, examinando-lhe novamente o pulso.

As palavras dela faziam sentido. Aquelas marcas poderiam ter sido provocadas pela pressão de dedos fortes, muito fortes. Sentiu-se curioso. Como a maioria dos parisienses, lera a respeito do vampiro.

Estaria Michelle influenciada também? E a história narrada pelo policial lá fora, teria sentido? O que se passara com Michelle e o namorado?

— Você disse que ele a segurou pelo pulso...

— Sim... E tinha as mãos frias... Eu me lembro de seu hálito... Cheirava a carniça, doutor! Não vi seu rosto... Ele me puxou com violência... Agora posso ver minha família?

— Depois que falar com o policial — afirmou o médico. — Posso ir chamá-lo?

— Sim, depressa, por favor!

O médico olhou-a por instantes, certificando-se de que ela estava bem, depois deixou a sala. No corredor, procurou pelo policial que iria falar com a garota.

Não o vendo saiu a sua procura. Enquanto isso, no quarto, Michelle alisava vaidosamente os cabelos. Tudo o que se passara parecia agora um sonho mau, amenizado pela expectativa de rever a família e o namorado.

Subitamente, sua atenção foi desviada para a janela. Um arrepio percorreu seu corpo e ela sentiu a mesma sensação de extremo pavor que a assaltara na noite anterior, quando aquele monstro a arrancara do carro com violência.

Ficou olhando para a janela, sem saber de onde vinha aquele pressentimento horrível. Estremeceu e lágrimas brotaram em seus olhos ao ver, repentinamente, aqueles olhos chamejantes fitando-a como uma maldição implacável.

Encolheu-se no leito, o coração aos saltos, algo amargo e sufocante travando-lhe a respiração e retendo o grito de socorro que desejava lançar.

Os olhos vermelhos se aproximaram do vidro e um rosto pálido e assustador fitou-a demoradamente.

— Não! — murmurou, num fio de voz, enquanto lágrimas deslizavam por suas faces.

Aqueles olhos continuaram fitando-a, injetados e ameaçadores, sugerindo, hipnotizando, ordenando,

— Não, Deus! Não! — repetiu ela, a voz embargada, o corpo trêmulo, as faces pálidas.

Sem que pudesse evitar, seu corpo deslizou para fora do leito e cambaleou até a janela, abrindo-a. A brisa fria do outono bateu em seu rosto, agitando seus cabelos.

O ruído dos carros lá embaixo, na rua chegou a seus ouvidos, mas não a incomodavam tanto quanto aquela respiração animalesca e ofegante que vinha daquela figura sinistra, pairando diante de si, na janela do oitavo andar do hospital.

A mão ameaçadora se estendeu para ela. Michelle tentou impedir a sua de ir ao encontro dela, mas não pôde. Havia uma ordem brutal e violenta imperando sobre sua vontade.

A garra se fechou, então, sobre sua mão em num puxão violento. Drácula a atirou no espaço, rumo à morte.

Riu sadicamente, vendo o corpo se espatifar no asfalto.

## CAPÍTULO 5

Torg girou a câmara em suas mãos, tentando imaginar o que Drácula pretendia. Pelo que podia deduzir, a imagem do vampiro jamais sensibilizaria filme algum. Drácula era como uma sombra viva, transparente na essência, apesar de aparentemente no físico como qualquer outro ser humano.

Foi depositá-la, depois sobre a cornija da lareira. A noite estava fria e decidiu acendê-la. Após fazê-lo, foi puxar uma poltrona para perto do fogo. Mal havia se sentado, lembrou-se da ordem que recebera.

Quem seria a misteriosa hóspede que Drácula pretendia receber? Ergueu-se e foi procurar, em algum canto da casa, material de limpeza.

Encontrou uma velha vassoura e um trapo imundo. Disfarçou a sujeira reinante na sala, varrendo a poeira e alguns detritos para debaixo dos moveis. Depois espanou sem muita vontade o pó que se acumulava em toda parte dos objetos.

A casa era enorme. Talvez Drácula desejasse que um dos quartos fosse preparado. Deixou a sala, atravessou outras, até a escadaria que o levaria ao pavimento superior.

Pouco depois caminhava pelo corredor escuro, escolhendo um quarto para ser preparado. Optou pelo último, de frente para o corredor, pouco iluminado durante o dia, com janelas para os fundos.

Empurrou a porta e procurou o interruptor. A luz banhou o aposento empoeirado, com panos imundos cobrindo a enorme cama. Retirou-os. O colchão estava enrolado. Alguns ratos e insetos fugiram assustados. Torg estendeu o colchão. Teria de providenciar lençóis e travesseiros, mas já não havia mais tempo para isso.

Ouviu ruídos vindos de alguma parte. Julgou que Drácula houvesse retornado e saiu para o corredor. Os ruídos vinham do alto, como se alguém forçasse uma porta.

Foi andando, tentando localizar com exatidão de onde provinha o barulho. Estacou diante da estreita escada que conduzia ao sótão. Não teve dúvidas de que o ruído vinha dali.

Subiu lentamente. Alguém forçava a porta, tentando abri-la, girando a maçaneta com impaciência, puxando-a, fazendo estalar a madeira dos batentes.

O corcunda fechou a mão e esmurrou com força a porta e tudo ficou em silêncio do outro lado. Ele colou o ouvido à madeira, procurando ouvir alguma coisa do outro lado. A madeira maciça nada deixava escapar.

Torg bateu novamente contra a porta, esperando alguma resposta. Tudo continuava em silêncio. Ele se lembrou que trazia a chave consigo. Retirou a do bolso e introduziu-a na fechadura. Antes de girá-la, voltou a bater repetidas vezes.

Não obtendo nenhuma resposta, girou a chave e empurrou a porta. Quando tentava perceber alguma coisa na escuridão, um vulto descabelado se atirou sobre ele, rosnando ferozmente, as mãos como garras rasgando-lhe as carnes.

— Maldita! — berrou Torg, rolando escada abaixo, os braços diante do rosto, tentando proteger-se da fera que o atacava.

O vulto caiu sobre ele, grunhindo e fungando, as unhas lanhando-lhe os braços numa fúria homicida.

Torg agarrou-a pelos cabelos e girou-a, jogando-a para longe de si. Pôs-se de pé, alucinado pela dor e pelo medo, recompondo-se do susto e da agressão.

Diante dele, os olhos cercados por olheiras profundas, os lábios entreabertos e brilhantes de uma gosma nojenta, longas presas cobrindo o



lábio inferior, estava Dominique Pinon, dominada pela maldição, contaminada pelo vampirismo.

Precisava de sangue, não importava como. Via em Torg seu alimento, sua vida, sua subsistência. Irracional como um animal, apenas podia perceber o vermelho do sangue que escorria dos braços dele, experimentando uma volúpia macabra ao aspirar pesadamente aquele cheiro promissor.

— Afaste-se, maldita! — rosnou Torg, os dentes brilhando na boca, as mãos se fechando ameaçadoramente.

Dominique era, agora, incapaz de compreender qualquer tipo de ordem e, o que era pior para Torg, temer qualquer coisa.

Guiava-se por instintos malignos que a maldição inoculava em seu corpo. O desejo de sangue e destruição a fizera se aproximar dele gradativamente, em arrancos e rosnados, como fera que prepara o bote sobre a presa.

Torg recuava a cada investida, incapaz de enfrentá-la diretamente. Sabia o que tinha diante de si. Sabia o que teria de fazer, também. Se drácula a encontrasse livre, Torg pagaria caro pela tolice cometida.

Ela urrou, a boca arreganhada, os olhos chamejantes, as presas ansiosas para rasgarem as carnes do corcunda e se banharem em seu sangue.

ele a esmurrou com toda sua força descomunal, fazendo-a retroceder um passo para investir novamente. O corcunda se engalfinhou com ela, segurando-a pelos cabelos, tentando manter aqueles dentes longe de seu rosto.

A força do vampiro era descomunal, redobrada pela necessidade de sangue. Torg entendeu que sucumbiria, se não agisse com presteza.

Girou o corpo com força, jogando-a contra uma parede, depois correu para o quarto. Ela o seguiu imediatamente. Torg agarrou dois castiçais, cruzando-os diante do vampiro, formando uma cruz.

O corpo da mulher se abalou e um grito desumano escapou de seus lábios. Ela cobriu os olhos e recuou. Torg a seguiu, tentando guiá-la de volta ao sótão.

Quando conseguiu encurralá-la na escada, um sorriso de satisfação estampou-se em seus lábios. Ela correu escada acima, indo se refugiar num canto do aposento escuro.

Torg fechou a porta e girou a chave. Depois deixou cair os castiçais. A dor em seus braços era terrível. O sangue empapava sua camisa. Um ódio mortal explodiu em seu coração, fazendo-o desejar destruir aquela que o atacara.

Ia abrir a porta, após apanhar os castiçais, mas estacou. Drácula lhe ordenara que trouxesse aquela mulher. Na certa tinha alguma idéia maligna em mente. Frustrá-la seria irritá-lo perigosamente.

Desceu as escadas e se sentou no último degrau. Examinou os ferimentos nos braços. As unhas daquela fera haviam lanhado profundamente suas carnes. Ergueu-se e caminhou decidido. Sabia o que fazer para curá-las.

\*\*\*

Genny terminou de se pintar, depois se examinou ao espelho. Mais uma noite pela frente. O trabalho já não a incomodava. Dia a dia, resignava-se com seu destino. Seus sonhos frustrados iam ficando para trás.

Embrutecia-se naquela vida, mas nada a incomodava tanto quanto a solidão. Desde que o irmão morrera, tudo se tornava sem atrativos e não havia mais importância em nada.

A solidão pesava, porém. Sabia que esse detalhe seria fácil de resolver. Bastaria aceitar todos os convites que choviam após suas apresentações na

boate. Um número sem conta de homens a via todas as noites e a desejava. Poderia ter todo o tipo de companhia que desejasse.

Era difícil, porém, acostumar-se à idéia. Vinha do interior, tivera uma rigorosa educação. Sabia que, cedo ou tarde, Paris se encarregaria de mudá-la, mas, talvez, ainda fosse muito cedo.

Ergueu-se, a malha colante e cor-da-pele ressaltando os contornos perfeitos e tentadores de seu corpo jovem e provocante.

Rodopiou diante do espelho, ensaiando um passo de sua dança, jogando com os quadris para os lados antes de golpeá-los para frente e para trás, numa sugestão erótica.

Seus olhos pousaram sobre a fotografia de Aimê, o irmão falecido. Ela ficou imóvel. Lentamente sua cabeça baixou, como que demonstrando arrependimento.

Aimê se fora. Talvez parte da culpa existisse no coração dela. Se não tivesse desejado vir para aquela cidade grande, nada teria acontecido para ele.

Mas era tarde para lamentações ou sentimento de culpa. A realidade era uma noite após outra, chamando-a e obrigando-a a sobreviver.

De repente, um ruído leve, como de garras arranhando madeira, veio de alguma parte da casa. Genny prestou atenção a ele. Parecia vir da porta dos fundos.

Deixou seu quarto e foi até a cozinha. O ruído vinha dali realmente. Garras arranhavam a madeira da porta. Ela se aproximou, soltou o trinco de segurança e girou a chave. Abriu lentamente a porta.

O gato ronronou, entrando lepidamente e indo se esfregar carinhosamente em suas pernas. Genny sorriu, fechou a porta, depois segurou o animal em seus braços, apertando-o contra o peito.

— Cherry, onde andou o dia todo? Deve estar faminta, minha gatinha — disse, enquanto o bichano ronronava, esfregando a cabeça contra o pescoço da garota.

Ela foi até a geladeira, abriu-a e apanhou a vasilha com leite. Depois depositou um pires no chão, derramando leite dentro dele.

Soltou o animal que se apressou em saciar sua fome. Genny se ajoelhou junto a gata, acariciando o pêlo sedoso.

— Arranjou algum namorado hoje? Você é muito namoradeira, minha gatinha. Precisa tomar jeito... Ou, então, precisa me ensinar todos os seus truques. Você faz tudo parecer tão fácil e divertido... Você me tanta Cherry. O que acha de formamos uma dupla explosiva?

A gata terminou de tomar o leite e levantou a cabeça para a dona, como que a pedir mais. Genny sorriu, compreendendo, e voltou a encher o pires.

Acariciou o animal e se dispôs a retornar ao quarto e terminar de se vestir. A gata miou furiosamente assustando Genny, que se voltou para olhá-la.

Os pêlos do animal estavam eriçados, seus olhos miúdos brilhavam e sua boca aberta parecia preste a enfrentar algum inimigo oculto.

— O que foi, Cherry? Que susto você me deu — falou Genny, ajoelhando e tomando a gata em seus braços.

Pôde sentir o bater descompassado e furioso do coração do animal, que mantinha os pêlos e a boca aberta ameaçadoramente.

Algo instintivo fez a garota levantar o rosto para a janela da cozinha. Encolheu-se, arrepiada, julgando ter visto ali um rosto.

Teria sido apenas uma impressão? Não quis se certificar e correu puxar a cortina. Era uma garota sozinha e tentadora. Sua fragilidade poderia atrair a cobiça de algum maníaco.

Pensando nisso, Genny soltou a gata e caminhou rapidamente de volta ao quarto. Seu animal de estimação a seguiu, enroscando-se em suas pernas, enquanto ela parava diante de um móvel, examinava a arma de Aimê.

Era uma velha pistola automática, mas em perfeito estado, funcionando adequadamente. Genny empunhou-a. Não ouviu nada atrás de si, mas seu corpo se enrijeceu e a respiração pareceu lhe faltar.

A sensação de estar acompanhada a fez morder os lábios, num gesto de desespero. Apertou a pistola. Seu polegar tocou o gatilho. Engoliu seco.

Havia alguém atrás dela. Essa certeza a sufocava. O gatilho estalou. Ela sabia que teria de se voltar para confirmar aquela sensação. O temor se tornou maior ao compreender que poderia ser real o que a assustava.

Podia ouvir, agora, claramente, uma respiração pesada, ofegante, como de fera esfomeada. Lutou contra o terror que se apossava de seu corpo e punha pânico em sua mente, mas estava acima de suas forças.

Baixou os olhos para a arma que apertava nas mãos. Ela deveria inspirar confiança e proteção, mas isso não acontecia.

Voltou-se, então, bruscamente, e encarou o que a aterrorizava. Por instantes, o impacto da força daquele olhar embrutecido e animalesco a pôs à beira da loucura.

Depois, como se algo acima de sua vontade a dominasse, baixou os braços e encarou com passividade o homem diante de si. Viu-o sorrir levemente, os lábios grossos ganhando um ar selvagem e obscuro.

Ele se aproximou, olhando-a com interesse. Genny estava apavorada diante daquele exame, mas algo dentro dela gritava que não podia fazer nada, que não possuía mais vontade própria, que se escravizara de um momento para outro.

— Interessante — rosnou o homem sinistro.

Sua mão se ergueu, tocando os cabelos de Genny, soltando-os do coque que os prendia ao alto da cabeça. Ela estremeceu, mas nada fez. Seus cabelos cascatearam sobre seus ombros, levemente ondulados nas pontas.

Drácula se afastou um pouco para observar detidamente. Sua testa vincada indicava que algo o desagradava. Ela se aproximou novamente. Genny tremia de pavor, sem compreender o que passava, afinal.

Ele ergueu uma das mãos, frias como o gelo, e tocou o rosto da garota. Os dedos pálidos se tingiram no vermelho da maquiagem que cobria a face dela. Drácula sorriu levemente. Depois, quase com violência, esfregou as mãos pelo rosto dela, limpando-o daquela máscara de cosméticos.

Pareceu satisfeito com o resultado. Examinou de um lado e de outro o perfil da garota. Sorriu ao observar os seios rijos e arredondados, praticamente à mostra sob a malha semitransparente.

Depois, com um sorriso malicioso, examinou-lhe as nádegas roliças e o triângulo sedoso do ventre. Seu olhar brilhou mais forte. Sua respiração se tornou pesada. Seu corpo roçou o dela. Seu hálito lambeu-lhe o pescoço.

Genny arregalou os olhos, desejando vencer aquela mórbida entrega, mas tudo estava acima de suas forças. Os lábios grossos e úmidos resvalaram pelo pescoço da garota. As presas rebrilharam, pousando sobre a pele alva e macia.

Lentamente elas pressionaram, rompendo, rasgando, fazendo sangrar.

\*\*\*

Hilgenstiller desembulhou lentamente o papel laminado, abaixando suas pontas. Depois levou o sanduíche aos lábios e mordeu-o prazerosamente. Estava faminto, assim como as garotas.

— Experimente isso, professor! — disse Ninon, passando-lhe uma pequena garrafa de refrigerante.

— Muito bom! — comentou o professor em seguida.

Comeram em silêncio. Às vezes seus olhos se levantavam para observar a garagem da casa no outro lado da rua. À passagem de um carro, sobressaltaram-se.

O trabalho que a principio pareceu tão difícil, se mostrara muito fácil. Haviam investigado os proprietários e locadores de nove dos carros semelhantes àquele que fora descrito pelas garotas.

Nenhum deles tinha alguma coisa a ver com Drácula. Restava apenas um, mas o desanimo tomava conta de todos os três.

Hilgenstiller terminou seu sanduíche. Ninon lhe estendeu outro. O professor recusou com um gesto agradecido.

— Acho que estamos perdendo nosso tempo, garotas! — disse ele.

— Temos de tentar, não? — respondeu Ninon.

— Já verificamos nove deles. Este não me parece suspeito também. Está na garagem desde que chegamos...

— Mas não há luz na casa. Não acha isso estranho? — indagou Chamy.

Ninon terminou seu sanduíche, amassou o papel laminado e foi atirá-lo no cesto de lixo perto a casa. Retornou. Olhou com impaciência a casa. Parecia ter alguma idéia em mente. Acendeu um cigarro, depois parou diante do professor, jogando o cigarro fora.

— Eu vou até lá. Não suporto mais esperar — desabafou.

— Você não pode fazer isso. Pode ser perigoso...

— Acho que é a única maneira de acabar com essa dúvida. Vou até lá. Bato na porta. Se for o vampiro, eu o reconhecerei e darei uma desculpa qualquer. Se não for, agirei da mesma forma.

— Eu tremo só de pensar em encarar aquele sujeito de novo, sabendo que ele é um vampiro — disse Chamy, amedrontada.

— Pois eu quero acabar logo com isso — afirmou Ninon.

## CAPÍTULO 6

Ninon caminhou alguns passos pela rua. O professor avançou, alcançando-a e a segurando pelo braço. Olhou-a nos olhos, com seriedade.

— Pode não ser tão simples assim, Ninon.

— Não há outra maneira, professor...

— Se está disposta a ir, é melhor se proteger com isto — disse ele, passando-lhe um crucifixo.

A garota esboçou um sorriso agradecido e dispensou, mostrando seu próprio crucifixo. Hilgenstiller aprovou com um aceno de cabeça. Ninon atravessou a rua.

Aproximou-se do portão. Podia ver o carro na obscuridade da garagem. Olhou a placa. Vira tantos números naquele dia que tudo se tornava confuso em sua mente. Queria lembrar daquele que anotara e que confirmaria todas as suspeitas, facilitando a busca, mas era impossível.

Examinou as janelas da casa. Tudo estava às escuras. Percebeu que não era tão corajosa como quisera parecer. Chamy e o professor, do outro lado da rua, observavam-na.

Respirou fundo, tentando se controlar. Empurrou o portão, que rangeu tetricamente. Avançou lentamente pela calçada de cacos de cerâmica. Havia uma campainha na porta.

Estendeu a mão para tocá-la. Estava trêmula e hesitante. O que faria se visse o corcunda ou aquele homem misterioso diante de si? Talvez se traísse e acabasse estragando tudo.

O som musical da campainha, ecoando pela casa, em nada lembrava o terror que se abaterá sobre a cidade. Tudo continuou em silêncio, depois. Ninon insistiu, nervosamente, pressionando o botão repetidas vezes.

Uma luz se acendeu na sala e um rosto de mulher se mostrou por instantes. Depois os passos se aproximaram da porta.



— Quem é? — indagou a voz feminina.

— Eu... Eu gostaria de uma informação... Sim, uma informação — gaguejou Ninon.

A porta se abriu parcialmente, presa ao batente por uma corrente de segurança. Uma garota, ainda muito jovem, encarou Ninon.

— Que informação?

— É a respeito do carro... Aquele carro na garagem... É seu?

— Não, pertence ao meu noivo... Quero dizer, meu marido. Ainda não me acostumei com a idéia. Nós nos casamos hoje — explicou a garota, com um sorriso convincente nos lábios.

— Eu... Bem... Acho que me enganei... Eu sinto ter atrapalhado... — foi se desculpando, à medida que recuava.

A jovem senhora à porta ficou olhando, intrigada, por alguns instantes, depois deu de ombros, fechou a porta e desligou a luz.

Ninon foi ao encontro dos amigos.

— Imaginem! Um casal em lua-de-mel... E eu... Puxa, eu me sinto tão ridícula... — balbuciou.

Hilgenstiller e Chamy se entreolharam, desanimados. Tudo fora inútil. Em algum ponto da cidade, ileso e inatingível, o vampiro talvez zombasse de tudo e de todos.

— O que vamos fazer agora? — indagou chamy.

— Não sei... Acho que precisamos de uma refeição decente... Depois, verificaremos o que se pode fazer. Deve haver um meio de localizá-lo. Na certa algumas das locadoras que deixaram de prestar a informação tenha a resposta.

— Acha que podemos insistir? — quis saber Ninon.

— Se soubéssemos em qual delas procurar... Mas é melhor descansarmos por hoje. Já fizemos demais. Ainda querem continuar? — indagou ele.

As duas confirmaram com movimentos de cabeça.

\*\*\*

Torg caminhou pela sala, observando os resultados da limpeza. Não sabia até que ponto Drácula iria levar aquilo. Quando se voltou, o vampiro, com um sorriso satisfeito nos lábios carnudos, o observava.

— Fiz o que mandou, mestre — apressou-se em dizer o corcunda.

— De que está falando? — ironizou Drácula.

— Limpei a casa... Preparei um quarto...

A gargalhada zombeteira explodiu entre as paredes da casa, ecoando sinistramente pelos corredores sombrios. Drácula caminhou até a lareira. Observou a câmara fotográfica sobre a cornija. Esfregou o indicador de uma das mãos sobre a pedra.

— Chama isso de limpeza? Imundo Torg. Tudo está imundo, nojento, indigno de receber a flor que está para chegar...

Os olhos do corcunda revelaram surpresa. Drácula foi se soltar sobre uma das poltronas. Esfregou uma das mãos nos lábios, como se ainda sentisse neles um resto de sangue.

— Lembra-se da garota que disse ter encontrado e que se parecia com a filha de Hilgenstilller?

— Sim, mestre.

— Vá buscá-la... Apanhe o carro e vá buscá-la! — ordenou o vampiro.

Por instantes o corcunda ainda o olhou sem entender. Havia qualquer coisa de maligno e cruel nos olhos de Drácula. Depois abaixou a cabeça e tratou de cumprir a ordem recebida.

Momentos depois, estava a caminho. Lembrava-se do endereço. Não foi difícil chegar à casa novamente. Havia luzes acesas. Observou a vizinhança, depois atravessou o portão e foi olhar por uma das janelas.

Tudo estava em silêncio. Experimentou a porta da frente. Estava trancada. Contornou a construção, indo forçar a porta dos fundos, que cedeu facilmente a sua força descomunal.

Entrou lentamente, observando os cômodos. Viu a garota, finalmente, no quarto, o corpo coberto pela malha cor-de-pele, parecendo nu.

Aproximou-se. A ferida no pescoço sangrava lentamente, o que indicava que Drácula não a matara. Estranhou aquilo. Que artimanha estaria o vampiro tramando.

A garota se ergueu lentamente, parecendo hipnotizada. Seus olhos demonstravam calma, mas, ao fitarem o corcunda, alteram-se, revelando uma alegria incontida.

Torg estranhou aquele comportamento. A garota sorria, agora, com infinita ternura, como se visse nele a presença de algo muito querido.

Passo a passo ela se aproximou do corcunda. Suas mãos finas e delicadas se ergueram, acariciando-lhe os cabelos e depois o rosto.

Torg estremeceu. Não conseguia entender o que ela via nele. A sensação era intensa, agradável. Não havia repulsa nos atos dela, mas carinho, ternura, amor, coisas que Torg a muito não experimentava.

Olhou ao seu redor. Viu roupas num armário. Precisava vesti-la adequadamente. Tinha de se apressar em cumprir as ordens de Drácula.

— Aimê! — murmurou a jovem, estreitando o corpanzil deformado entre seus braços.

A proximidade daquelas carnes quentes e macias, o perfume sutil e embriagador, as carícias ternas com que ela o brindava, tudo isso confundiu o corcunda.

Suas mãos grossas e ásperas subiram pelo corpo dela, acariciando os cabelos sedosos as faces frescas e perfumadas, os lábios sensuais e bem delineados.

Uma volúpia intensa dominou-o e ele a apertou em seus braços, gozando, trêmulo e confuso, aquele contato.

Ela sorriu então, beijou-o nas faces, depois se afastou dele lentamente, sempre o olhando com aquela ternura que tocava o coração embrutecido de Torg.

Foi se vestir, como se soubesse o que deveria fazer. Torg acompanhou alucinado cada um dos movimentos dela. Quando terminou, ela foi até o espelho, alisou os cabelos com as mãos e depois se voltou para ele.

A semelhança, agora, era incrível. Se Hilgenstilller a visse, certamente juraria que a filha estava ali, viva de novo, diante dele.

Genny tomou, então, uma das mãos de Torg e juntos deixaram a casa, como um par inseparável. Ele a acomodou no carro, depois foi tomar seu lugar ao volante.

Estava trêmulo de emoção ainda e, quando ela repousou a cabeça contra seu ombro, Torg se sentiu o mais feliz dos homens.

\*\*\*

Ivy Chanton terminou a xícara de café, depois acendeu um cigarro.

Diante dele, igualmente, pensativos, estavam seus subordinados de confiança. Estavam todos cansados e igualmente confusos, após todos os acontecimentos.

O tenente-detetive parecia desanimado, mas, acima disso, irritado. Não haviam localizado Hilgenstilller e isso era importante ser feito. As pressões superiores havia começado. Todos queriam uma breve solução para o caso de Dominique Pinon.

Como se tudo isso não bastasse, havia também a garota que se suicidara, atirando-se da janela do oitavo andar do hospital.

O médico estava atônito, Ivy estava atônito. Todos estavam atônitos. Ninguém conseguiu compreender o que fizera a garota cometer um ato tão extremado.

Segundo o médico que a atendera, ela estava bem, lúcida e calma. Por que abrisse a janela e se atirara, ninguém conseguia responder.

— As buscas vão continuar. Precisamos encontrar Hilgenstiller. A vigilância nos bancos não deu resultados. Já entrei em contato com as saídas do país. Todos estão de olho, ele não conseguira voltar à Inglaterra sem ser descoberto.

— Acha que ele ainda está em Paris? — indagou alguém.

— Com toda certeza. Como se não bastassem todos os malandros criminosos de Paris, tinha de nos aparecer um professor maluco com uma história sobrenatural para complicar tudo.

A porta do gabinete se abriu e um policial entrou, entregando uma pasta ao policial. Ivy a abriu. Era o exame sumário do cadáver de Michelle Ferrot, a garota que se suicidara.

Leu atentamente, dominando sua irritação. Intimamente, qualquer coisa entrava em contradição. Tudo estava se tornando muito misterioso, sem respostas, sem sentido, sem lógica.

A sombra de algo acima da compreensão pairava em seu espírito. Acreditar em todo o mistério e em todo o terror defendidos por Hilgenstiller parecia ser a única maneira de explicar aqueles estranhos acontecimentos.

Fechou a pasta e passou-a a um dos homens.

— O que acham dos vampiros? — indagou.

Os outros se entreolharam, indecisos na resposta que deveriam dar. Haviam percebido que o superior era insensível a tudo aquilo. O tom da pergunta, porém, revelava uma certa predisposição do tenente a ceder diante dos argumentos que se acumulavam.

— Falei com aqueles caçadores hoje, tenente. Eles confirmaram tudo outra vez. Viram um homem semelhante àquele que apareceu no jornal.

Juram que o viram se transformar num morcego. Dois deles estão sob cuidados médicos, abalados...

— Ou com ressaca — completou o tenente.

— Abalados realmente, tenente. Estivemos no local. Vimos onde os disparos atingiram. Todas as cargas se cravaram numa árvore, como se todos eles houvessem apontado para o mesmo ponto. Encontramos uma pistola automática, ainda engatilhada. Não pertencia a nenhum deles. O coldre estava no porta-luvas do carro do jovem. Ele saiu com a arma. Ela estava engatilhada. Por que não foi disparada? Há muita coisa sem resposta, tenente. O rapaz tinha algumas marcas no pescoço...

— Foi o que li agora, na pasta que está com Phill ali. As marcas no pescoço dele são semelhantes às que estavam no pulso da garota, como se tivessem sido produzidas pela mesma mão...

— Mão, tenente? — indagou alguém.

— Acho que garras seria o termo mais exato — afirmou o policial, já não sabendo mais em que acreditar.

\*\*\*

Torg estacionou o carro na garagem, desligou os faróis e ficou imóvel, sentindo o peso suave da cabeça da garota contra seu ombro e o toque macio das mãos dela sobre seu braço.

Após tanto tempo sentindo-se como um animal diante do mundo, recebendo olhares de zombaria e desprezo, era bom experimentar de novo uma sensação tão gratificante e tão comovente.

Virou-se para ela, que levantou os olhos e encarou-o. Sua mão fina e delicada se ergueu, tocando os cabelos dele, acariciando-os. Lágrimas brotaram nos olhos do corcunda, que a beijou na testa e estreitou-a em seus braços.

Ela estremeceu, então, como se algo a houvesse assustado. Torg tentou retê-la em seus braços, desejando prolongar aquela sensação gratificante.

— Fique! — suplicou pateticamente.

Ela abriu a porta e desceu. Torg se apressou em fazer o mesmo. Quando contornou o veículo para encontrar-se com ela, a figura magra e sinistra de Drácula se interpôs entre os dois.

Torg estacou, na defensiva, fitando os olhos zombeteiros do vampiro. Drácula riu inicialmente, depois gargalhou, fitando alternadamente o rosto patético do corcunda e o impassível da garota.

Em seguida, num gesto de desprezo, virou as costas para ele e se aproximou da garota. Ela o olhava fascinada, magnetizada.

— Essa semelhança é providencial, Torg — disse — Mas ela é uma bela garota não? — continuou, num tom cruel, depositando as mãos sobre os ombros dela, despindo-lhe a blusa com violência.

Na penumbra da garagem a malha usada por ela dava uma falsa impressão de nudez a seus seios rijos e bem conformados. As garras do vampiro pousaram sobre eles, massageando as carnes apetitosas.

— Que lhe parece esta sensação, Torg? Não gostaria de experimentá-la?

Torg estremeceu, a ira crescendo em seu corpo, a lembrança daqueles momentos de ternura e encantamento sendo enlameados e profanados pela atitude cruel de Drácula.

Sem esperar pela resposta de seu criado, o vampiro se afastou dali, lavando a garota consigo. Torg olhou a blusa caída no chão. Apanhou-a, cheirou-a, depois a apertou contra os lábios, beijando-a.

Humilhado e magoado, Torg os seguiu. Quando chegou à sala, a jovem estava sentada numa das poltronas e Drácula examinava com curiosidade a máquina fotográfica.

A garota se voltou para olhá-lo e, em seus olhos calmos, havia aquela mesma ternura que confundira e tocara o coração deformado do corcunda. Ele estacou, olhando-a estranhamente, sensibilizado e confuso.

Venha cá! — ordenou Drácula, asperamente.

Torg se aproximou. O vampiro passou para as mão dele a câmera, depois foi até Genny e a fez assumir uma pose forçada.

— Fotografe-a, Torg! — disse, então.

O corcunda não entendeu o motivo de tudo aquilo. De algum ponto da casa veio o ruído violento de madeira sendo atacada.

Drácula ergueu a cabeça, como que farejando qualquer coisa no ar.

— É aquela mulher, mestre. A maldição já a contaminou. Ela me atacou está noite... Consegui trancá-la de novo, porém.

Drácula sorriu.

— Perfeito! Tudo está saindo muito bem. Agora fotografe a garota — insistiu.

Torg preparou a máquina, ligou o flash e se aproximou.

— Apenas o rosto. Não queremos chocar ninguém — riu o monstro — Tire mais de uma, quero ter certeza de que uma delas sairá perfeita.

O corcunda atendeu-o, batendo algumas chapas. Quando terminou, olhou para seu mestre, aguardando novas ordens.

— Onde comprou a câmera?

— No Aeroporto de Orly — explicou Torg.

— Acha que seria possível revelar o filme ainda está noite?

— Sim, eles dispõem de um sistema especial para atendimento dos turistas...

— Pois faça isso, depois leve a foto ao Le Roy. Quero que faça o seguinte, não importa a que preço — disse Drácula.



## CAPÍTULO 7

Madrugada fria de final de outono. A neblina do Sena se espalhava sobre a cidade como um manto protetor e frágil. De volta ao carro, cujos vidros embaçados pela umidade pareciam cobertos por finas camadas de gaze, Torg suspirou.

Fora uma noite atribulada e tudo agora começava a fazer sentido. As ordens desencontradas de Drácula ganhavam significado.

O vampiro tramara sua vingança contra Hilgenstilller e a faria cumprir da maneira mais horrenda possível. As fotos foram reveladas sem muita demora. No jornal, Torg fez o que Drácula ordenara.

Tudo estava perfeito, portando, para a vingança. Sorriu, mostrando a fileira desigual de dentes finos e pontiagudos. Tomou o volante e se afastou com o carro. Voltava para casa. Havia agora, certa presa e fribilidade nele. Drácula estaria adormecido em seu ataúde e a garota estaria no quarto, repousando.

Ao pensar nela, sensações ternas e selvagens se misturavam dentro dele. A maneira com que ela o olhava fazia Torg se sentir como um ser humano normal. Via ternura e amor naquele olhar e isso o tocava profundamente, despertando sentimentos e apetites julgados adormecidos para sempre.

Já a tivera junto de si, apertando-a em seus braços descomunais, sentindo a maciez de suas carnes e o perfume de seu corpo.

A idéia de tê-la de possuir sua virgindade devassando-a com a força de seus apetites mais instintivos, fazia-o estremecer dominado por uma volúpia intensa que perturbava seus sentidos.

Ela estaria lá, sozinha e frágil, esperando por ele para brindá-lo com olhares de ternura e amor. Seu pé afundava-se, apresado, no acelerador e o carro derrapava nas curvas mais acentuadas.

Deixou a cidade e tomou a estrada. Pouco depois via os contornos da casa, subia pela alameda e ia guardar o veículo na garagem.

Quando desceu, percebeu-se trêmulo e ofegante. Suas faces ardiam. ele caminhou apressadamente para a porta e seus passos ecoaram desiguais pela casa, pouco depois.

Subiu a escada para o segundo pavimento. Andou sorrateiramente pelo corredor, olhos fixos naquela porta que lhe parecia entrada de um paraíso, um paraíso que julgara jamais voltar a ver.

Empurrou-a. A lua cheia declinando no céu ainda jogava sua claridade prateada sobre o vulto frágil estendido sobre o colchão imundo.

Torg avançou lentamente, a respiração pesada como de um animal faminto e cruel. Debruçou-se sobre ela olhando as faces tranqüilas e belas.

Suspirou entrecortado, estremecendo. Suas mãos se estenderam lentamente, tocando-lhe os seios, acariciando-os gentilmente, depois os apertou com força.

A garota estremeceu e murmurou qualquer coisa, virando a cabeça para o lado. A ferida provocada pela mordida do vampiro estava ali, anunciando a maldição. Aquela visão revoltou Torg, fazendo-o odiar Drácula por macular a beleza irretocável daquele corpo.

Ajoelhou-se lentamente e suas mãos ficaram dançando sobre os contornos da jovem, sentindo-lhes as formas provocantes, embebendo-se numa volúpia que transtornava. Sua cabeça pendeu e seus lábios se entreabriram, cobrindo os dela. Sugou-os avidamente, seus sentidos bailando numa dança macabra de prazer e crueldade. Deitou-se então, apressadamente ao lado dela, depois rolou com ela pelo leito, beijando-a e abraçando-a selvagememente, um brilho bestial iluminando seu olhar.

\*\*\*

Após o rápido desjejum, Hilgenstiller saiu à rua. Foi até o jornaleiro espiar as principais manchetes do dia. Desde que o Le Roy interrompera as reportagens, nada havia que pudesse atraí-lo.

Mesmo assim, comprou o Times do dia anterior e foi até uma praça, sentar-se ao sol e ler. A manhã estava magnífica. Não fossem as árvores e plantas desfolhadas, juraria ser primavera.

Quando chegou à seção econômica do jornal, lembrou-se de que precisava fazer um balanço em suas finanças. Teria de recorrer ao banco para poder voltar a Inglaterra.

Isso, porém, ainda estava indefinido. O vampiro estava solto e impune em Paris. Encontra-lo era o que mais desejaria fazer.

Baixou o jornal. Viu quando Ninon e Chamy deixaram o hotel onde ele estava hospedado. Na certa elas estavam a sua procura.

Ergueu-se e caminhou ao encontro delas. Cumprimentaram-se.

— Por que não vamos até o Café do Pierre conversar? — Ainda não tomamos nosso desjejum — convidou Ninon.

— Sim, claro — concordou ele.

Momentos depois, já no café, enquanto aguardavam serem servidos, o professor manifestou sua preocupação.

— Temos de encontrá-lo sem demora. Tenho o pressentimento de que ele ficará aqui por muito tempo. É esperto, sabe que estou em seu encalço e que aquelas reportagens o denunciaram, apesar de tudo.

— Mas o que podemos fazer, professor? — indagou Chamy. — Já tentamos tudo. — em alguma locadora ou revendedora de carros está a resposta que precisamos. Tentamos por telefone e falhamos. Acho que devemos fazê-lo pessoalmente agora.

— Vai ser um trabalho danado! — exclamou Ninon.

— Mas é a única pista de que dispomos. Temos de explorá-la e encontrar a resposta. Estão preparadas?

As duas se entreolharam resignadamente, confirmando. Haviam se metido naquela cruzada e tinham que ir até o fim agora. A todo custo precisavam descobrir o que houvera com a amiga Marie e com os rapazes, vingando-os.

Enquanto eles tomavam o café, Hilgenstiller foi apanhar a lista telefônica e relacionar todas as locadoras e revendedoras que haviam recusado fornecer alguma informação a respeito do misterioso carro negro.

Pessoalmente talvez fosse mais fácil conseguir alguma coisa. Era uma esperança e precisava ser tentada.

Tudo se mostrou inútil, porém. Por algum motivo, havia um movimento incomum nas locadoras e revendedoras. Uma alta de preços nos carros e um final de semana mais prolongado por um feriado na segunda-feira motivaram a procura.

Ao fim da tarde, estavam os três exaustos e desanimados, sem nada de concreto. Hilgenstiller desesperou-se. Era como se sentisse que Drácula lhe escaparia outra vez. Todos aqueles crimes horrendos continuariam impunes e o monstro vagaria livre pelo mundo, semeando o terror.

Rumavam para o café do Pierre. Ao passarem diante de uma banca de jornal, algo chamou a atenção de Hilgenstiller. Era a edição vespertina do *Le Roy*. Havia uma foto na primeira página que o fez estremecer.

Aproximou-se e apanhou febrilmente um dos exemplares. Seu rosto empalideceu. Ele cambaleou, atônito, chocado e surpreso. Seus olhos se esbugalharam, estarecidos.

— O que houve, professor? — indagou Ninon, percebendo a transfiguração.

Ele apontou para foto. Seus lábios se abriram, mas nenhuma palavra foi articulada. As duas garotas o fitaram preocupadas.

— Quem é a garota? O senhor a conhece? — indagou Chamy.

— É Larah... É minha filha Larah! — conseguiu dizer, afinal.

— Tem um recado aí — disse Chamy.

— Ela quer se encontrar com o senhor hoje à noite, junto à Torre Eiffel — leu Ninon.

O professor continuava mudo, olhando aquela fotografia. Era mesmo Larah, seus traços suaves e belos, as linhas do rosto lembrando a mãe, os cabelos com aquele caimento natural que a fazia tão meiga.

Tudo se confundia em sua mente. Vira o que acontecera à filha, havia algum tempo atrás. Vira-a sendo atacada pelo vampiro e sendo amaldiçoada. Lembrava-se da morte dela, de quando cravara em seu coração uma estaca que a livraria da maldição e a libertaria para a morte.

Que trama infernal estava sendo armada? Larah estava morta. Ele a enterrara pessoalmente. Então tudo se aclarou. Era Drácula o responsável por aquilo.

Perturbara o vampiro com aquelas reportagens e com aquela caçada implacável. Ele descobrira como se vingar. Na certa trouxera Larah do túmulo para revivê-la e dominá-la com seu poder maldito.

Tinha de encontrá-la e libertá-la novamente. Seria seu pior castigo ver a filha transformada num vampiro. Larah, uma flor de meiguice e ternura não merecia aquele destino.

— Eu tenho que ir ao encontro dela... — murmurou, decidido.

— Sim, claro, professor — concordou Ninon. — Se quiser, poderemos acompanhá-lo...

— Não, tenho de ir só agora. Sei o que me espera — disse ele, num tom sombrio.

As duas se entreolharam, sentindo-o misterioso e angustiado.

— Professor — disse Ninon, com gentileza. — Há algo errado, não? Deveria estar alegre por reencontrar sua filha, mas não o está. O que significa isso, então?

Hilgenstiller olhou-a fixamente.

— Larah foi atacada pelo vampiro, há algum tempo. Ela está morta, eu mesmo cravei em seu peito uma estaca de madeira para libertá-la da maldição... Compreendem o que isso significa? Agora preciso ir. Ela me espera. Tenho de livrá-la das garras daquele monstro — afirmou, afastando-se apressadamente.

\*\*\*

Quando Ivy Chanton terminou de falar, seus homens estavam cabisbaixos e desorientados. O tenente se ergueu, então, indo apanhar um café na mesa junto ao telefone. Bebeu-o num só gole, depois acendeu um cigarro, enquanto olhava a cidade através da janela.

Entardecia sobre Paris e mais um dia se passara sem que conseguissem localizar Hilgenstiller. Seus superiores o estavam pressionando. A imprensa começava a atacar o caso com mais veemência, exigindo justiça.

Alguém bateu na porta, depois a abriu.

— Tenente, há duas garotas que... — não terminou de falar. Ninon o empurrou, abrindo a porta. Ela e Chamy se adiantaram, encarando o tenente com impaciência.

— O que se passa aqui, afinal? — indagou Ivy, de péssimo humor.

— Precisamos falar-lhe, tenente. É importante...

— Se desejam apresentar alguma queixa, basta que procurem o oficial de plantão na sala ao lado e...

— É sobre o Prof. Hilgenstiller — adiantou Ninon.

O tenente se interrompeu, olhando-as surpreso. Fez um sinal para que seus homens saíssem.

— Sentem-se, por favor! — convidou. — O que sabem sobre o professor?

— Ele vai se meter numa grande encrenca...

Ivy sorriu ironicamente.

— Ele já se meteu numa encrenca senhorita.

— Sabemos a que se refere. Ele é inocente de tudo aquilo. Falamos sobre isso agora — disse Ninon, mostrando a fotografia no jornal.

— "Papai, quero vê-lo. Venha à torre Eiffel esta noite" — leu.

Encarou as garotas como se não tivesse entendido. Depois, voltou a olhar a fotografia. Algo estalou em sua mente. Abriu uma gaveta e retirou uma pasta.

Vasculhou-a até encontrar o que procurava. Era uma foto de Larah Hilgenstiller e fazia parte do dossiê que a polícia da Hungria remeterá a seu pedido.

Dispôs as fotos uma ao lado da outra. Não havia dúvidas, mas tudo se tornava confuso e misterioso. Larah Hilgenstiller estava morta. Ali mesmo, naquela pasta, havia uma cópia de seu atestado de óbito.

— Não entendo! — gaguejou.

— Tenente, sei que deve ter sua teoria sobre tudo que está acontecendo e sobre o professor. Agora saiba que há um vampiro. Nós o vimos. Ele deu sumiço numa de nossas amigas.

Ivy balançou a cabeça de um lado para outro, recusando-se a aceitar tudo aquilo. Deixar-se levar por aquela mistificação era loucura. Hilgenstiller poderia ter publicado aquela foto apenas para reforçar sua história maluca.

Havia, porém, um modo de se certificar de tudo. Tomou o telefone e discou para o jornal. Tinha um amigo na redação. Seria fácil descobrir quem era o responsável por tudo aquilo.

Quando atenderam pediu que o chamassem. Momento depois, indagava-lhe:

— Ernest, o que sabe sobre aquela foto e aquele recado que saíram na primeira página da edição vespertina?

— Espere um momento, Ivy. Vou ver o que descobro.

O policial aguardou com impaciência.

— Ivy, foi o pessoal da madrugada quem atendeu o sujeito.

— Como era ele?

— Dizem que era o sujeito mais feio do mundo. Todo torto, corcunda, com uma voz cavernosa, o tipo do sujeito misterioso que se enquadraria muito bem na história do vampiro — riu o outro.

— É só, Ernest, obrigado! — agradeceu o policial, desligando.

Olhou as garotas. Não fora Hilgenstiller quem mandara publicar a foto e o recado, mas poderia ter mandado alguém fazê-lo.

— Estiveram em contato com o professor nos últimos dias? — indagou.

— Sim, nós o estivemos ajudando a localizar o vampiro.

— Ele tem algum amigo corcunda? — indagou, com um sorriso incrédulo nos lábios.

As duas empalideceram, trocando olhares significativos.

— Disse um corcunda, tenente? — indagou-lhe Ninon.

— Sim, um corcunda. Por que a surpresa?

Ninon contou-lhe, então, tudo o que sabiam. Para o tenente era difícil acreditar em tudo ainda. As garotas poderiam estar a mando de Hilgenstiller, interessado em criar toda a confusão a respeito do assunto.

Mas havia sinceridade nas palavras de Ninon e real pavor em seus olhos. A preocupação que manifestavam não podia ser fruto de uma encenação.

Tudo aquilo que vinha incomodando seu espírito como a única explicação para o caso ganhou consistência.

\*\*\*

Torg estivera o tempo todo ali no quarto, esperando o escurecer. Quando a noite chegou, ele foi retirar a pesada cortina que pusera à janela para impedir que a luz do dia destruísse aquele corpo jovem sobre o leito.



Embevecido, deixara-se contagiar pela ternura e pela paixão, agradecido por todas as sensações que a chegada da jovem despertara dentro dele.

Um chamado forte ecoou pelas paredes da casa, sobressaltando-o. Apressou-se em ir ao encontro de Drácula, que já despertara.

— Onde se meteu, seu inútil? — indagou o vampiro.

— perdoe-me, mestre. Estava me certificando de que a porta do sótão estava bem fechada — desculpou-se o corcunda.

— Você tem de agir depressa agora. Fez o que lhe ordenei?

— Sim, a fotografia foi publicada, mestre.

— Então vá buscar Hilgenstiller — ordenou o vampiro, com um sorriso, satânico nos lábios e um brilho incandescente nos olhos profundos.

— Depois prepare tudo. Vamos partir.

—Partir, mestre? — estranhou o corcunda.

— sim, partir. Acho que desejo rever a bela Itália. Você providenciará tudo, como das outras vezes.

— Mestre, o que vai acontecer com Hilgenstiller precisamente? — quis saber Torg.

Drácula riu de pura satisfação e lhe explicou.

## CAPÍTULO 8

O brilho e a festa reinantes na cidade, à noite, sugeriam alegria e despreocupação. Para Hilgenstiller, porém, o pesadelo horrendo estava acontecendo. Angustiado e confuso, vagava ao redor da Torre, esperando ver, em algum daqueles rostos, o da filha.

Não sabia qual seria sua reação. Larah estava morta, seria apenas um cadáver amaldiçoado, vagando sem paz e sem destino. Não seria sua filha, não seria aquela flor de ternura e meiguice que, por muito tempo, iluminara seu coração de pai.

Apertou com força a alça da maleta. Ali dentro estavam suas armas. Sabia que Drácula estava por trás de tudo aquilo e se preparava. Intimamente rezava para suas forças não o abandonassem no momento supremo.

Viu, então, algo que o estarreceu e chocou. A figura mórbida e retorcida daquele corcunda se aproximava, como que a sua procura. Adiantou-se ao encontro dele. Os olhos de Torg brilharam de ódio e crueldade. Ele encarou o professor.

— Venha, professor! Sua filha o espera — disse, com profundo desprezo.

Hilgenstiller dominou sua cólera e seu desejo de avançar sobre aquele monstro e destruí-lo. Agora estava certo. Drácula estava a sua espera. O corcunda era a única maneira de chegar até ele.

Torg foi à frente, guiando-o até o carro. Quando entraram, Torg se voltou e encarou-o.

— O que leva aí? — indagou, enquanto estendia o braço e apanhava a maleta.

Riu com profundo desprezo ao examinar os objetos que o professor levava. Exibiu o martelo e as estacas, antes de jogá-los pela janela.

Examinou um crucifixo comum de madeira, depois o quebrou. Apanhou a réstia de alho. Gargalhou, jogando tudo pela janela.

— É um louco, professor. Um louco! — disse, pondo o veículo em movimento.

Hilgenstiller rezou para que o corcunda não o revistasse. Trazia, preso ao cinto, às costas como vira um policial portar a arma certa vez, o precioso crucifixo de extremidades cortantes.

Seria sua única arma, mas a mais poderosa de todas. com ela estaria protegido e poderia destruir o monstro, se lhe surgisse oportunidade.

O corcunda o vigiava pelo retrovisor o tempo todo. O professor tratou de ficar atento ao trajeto. Viu que deixavam Paris e tomavam uma estrada para o interior. Algum tempo mais tarde, quando viu a casa no alto de uma colina, teve certeza de que seria levado para lá.

Assim foi feito. Quando o carro estacionou na garagem escura, ouviu a porta da frente se abrir e ser fechada em seguida. Tudo estava em silêncio. Ele apanhou o crucifixo e o trouxe para o bolso de seu paletó. Depois desceu do carro e saiu da garagem.

O corcunda havia desaparecido. O professor sabia que seu destino o esperava no interior daquela casa. Apertou com força o crucifixo. Não havia como voltar atrás agora.

\*\*\*

Torg entrara pelos fundos da casa e se apressara, subindo as escadas. Foi até o sótão. Ouviu ruídos em seu interior. Dominique estava inquieta, sedenta de sangue. Torg girou a chave na fechadura, depois se afastou rapidamente. Foi até o quarto onde repousava Genny.

Fechou a porta atrás de si e ligou a luz para vê-lo melhor. Ela estava no leito ainda. Abriu os olhos e encarou o corcunda. Estava seminua e, sobre sua pele, estavam as marcas da sanha voluptuosa do corcunda.

Ela se ergueu lentamente e um de seus seios ficou à mostra. Em seu olhar, porém, havia aquele sentimento fraterno e estranho que Torg não entendia.

Ela se aproximou lentamente e estendeu a mão, acariciando os cabelos do corcunda.

— Aimê! — murmurou ela e Torg não entendeu o significado daquele nome.

Apenas a olhava, embevecido, grato a ela por aquele olhar. Ouviu ruídos no corredor. Na certa era Dominique, vagando à procura de sangue. Seu destino agora era terrível. Seria um vampiro. A garota diante dele também o seria e isso tocou o coração embrutecido do monstro.

Ela não merecia aquele destino trágico. Ela devia ser preservada, pois dera a ele algo inesquecível e bom. Devia a ela a salvação. Isso significava desobedecer Drácula, mas aquele olhar da garota, suplicante agora, parecia lhe pedir isso.

Torg abriu os braços e estreitou-a contra o peito. A cabeça dela repousou sobre seu ombro. Ela ficou observando, então, a veia que latejava ao pescoço de Torg. Aquele palpitar fascinou-a. Seus olhos se fixaram naquele ponto. O cheiro de sangue fez dilatar suas narinas e estremecer seu corpo.

Sua boca se abriu num sorriso revelador. As presas enormes cobriram às costas do corcunda e apenas podia ver aquela veia latejante e promissora, segredando-lhe um apetite inconfessável.

Torg sentiu que o corpo dela se enrijecia e que suas mãos agora o seguravam como garras. Percebeu o que havia acontecido ao sentir o hálito dela bafejar seu pescoço. Segurou-a pelos ombros e empurrou-a para trás.

Genny rosnou, as mãos se erguendo diante do corpo, crispadas e ameaçadoras. Suas presas mortais e maléficas rebrilharam. Seu desejo por sangue a transformou num animal irracional.

Uma dor aguda, profunda, torturante e insuportável tocou o coração de Torg. Era tarde demais. Não a queria daquela forma. Lágrimas brilharam em seus olhos. Ele a desejava, ele era grato a ela e só havia uma coisa a fazer em retribuição.

Quando ela avançou, as mãos do corcunda pousaram sobre seus seios, mantendo-a afastada de si. Olhou-a nos olhos e não havia traços da meiguice e da bondade que a cativaram.

Estavam injetados como os olhos de um vampiro, brilhantes, acesos como chamas do inferno. As lágrimas brotaram mais fortes agora, rolando pelo seu rosto. Suas mãos se crisparam, movidas pela força descomunal.

Seus dedos se enterraram nas carnes macias, rasgando, rompendo, vasculhando como pinças frias de um carneiro o interior daquele peito.

Um grito estridente e desumano escapou dos lábios dela, quando Torg, num arranco quase espasmódico, tirou-lhe o coração ao peito, erguendo-o ensangüentado diante de si.

O corpo dela tombou para trás. A paz voltou ao seu rosto, devolvendo-lhe aquela beleza cativante e terna. O sangue que escorreu de seu peito tingiu-lhe estranhamente a pele.

Torg caiu de joelhos, apertando convulsivamente aquele coração em suas mãos, enquanto fitava sua pobre flor de sangue estendida no assoalho.

\*\*\*

Hilgenstiller ouvira aquele grito e estremeceu.

Por instantes voltou-lhe à mente a imagem da filha, no momento em que lhe enterrara a estaca no coração. Ela gritara da mesma forma. Estaria o pesadelo acontecendo de novo?

Avançou desesperadamente pela sala, na direção da escadaria. O grito viera do andar superior da casa. Precisava ir até lá. Estacou, porém, incrédulo e aterrorizado ao olhar para cima. Não podia crer em seus olhos, mas ali estava a explicação para o que acontecera no cemitério.

Dominique Pinon o olhava estranhamente.

— Olá, professor! — disse ela, começando a descer os degraus.

Hilgenstiller recuou. Era Dominique, sua amiga, diante de si. Seu corpo, pelo menos, mas não era sua alma. Aquele olhar satânico não era dela. Aquele maneira felina e ameaçadora de caminhar também não.

Sua mão procurou o crucifixo, apertando-o. Drácula mais uma vez se superara em sua vingança.

— Foi bom que tenha chegado, professor. Eu preciso de sua ajuda. O perigo está lá em cima. Venha comigo, vamos destruí-lo — dizia ela, aproximando-se mais e mais.

— Afaste-se, Dominique! — ordenou.

— Venha, professor! — insistiu ela, abrindo os braços, enquanto sorria bestialmente, exibindo as presas aguçadas e mortais.

Ele estremeceu e retirou o crucifixo do bolso, levantando-o diante de si. Um urro medonho escapou da garganta dela, que se contorceu, tentando fugir à visão da cruz.

Hilgenstiller foi ao seu encalço, procurando encurralá-la. Doía-lhe fazer aquilo, mas não havia outra saída. Para ela seria uma bênção se livrar daquela maldição.

Torg ouvira o barulho da luta e tratou de agir imediatamente, correndo desligar os fusíveis da casa. A escuridão imediata confundiu Hilgenstiller.

Mesmo depois, quando a luz da lua penetrava pelas janelas dando certa nitidez aos contornos ao seu redor, ainda se viu ameaçado. Parou, imóvel por instantes, depois recuou para o centro da sala.

O perigo o espreitava de todos os pontos escuros do aposento. A respiração pesada de um animal monstruoso e destruidor era ouvida como a pior das ameaças.

Na escuridão, poderia ser atacado a qualquer momento, sem que pudesse esboçar uma reação. Rezou por sua alma e pela de Dominique,

enquanto segurava o crucifixo com firmeza. Não podia perdê-lo. Ele significava sua própria vida.

Subitamente, de uma das janelas, um fecho de luz atraiu a atenção do cientista. Ele se voltou para olhar a lanterna, cobrindo o rosto em seguida, ofuscado.

— Professor! — gritou Ninon, confundindo-o, no momento em que o vulto sedento e macabro de Dominique voava sobre ele e suas garras se enfiavam nas carnes do professor, lanhando-o.

Ele urrou de dor, rolando pelo chão, tentando fugir a ela. A porta de entrada se abriu. Ivy Chanton, seguido por Ninon e Chamy, entrou, olhando estarecido a cena que o fecho de luz de sua lanterna iluminava.

Empunhou sua arma, mas não pode disparar. Enquanto isso, Hilgenstiller lutava desesperadamente para fugir às presas que tentavam alcançar seu pescoço. O crucifixo havia caído em algum ponto da sala. Sem ele, estava vulnerável, todos estavam vulneráveis, à mercê de Dominique o do próprio Drácula.

— O crucifixo — gritou. — Encontre o crucifixo.

O fecho de luz varreu o assoalho, localizando-o. Ivy ficou imóvel, no entanto, sem saber o que fazer. Ninon se investiu de coragem e avançou, apanhando o objeto, trêmula e chocada com a cena animalesca que tinha diante dos olhos.

Seus movimentos atraíram a atenção do vampiro, que soltou o professor e se voltou ameaçadoramente para ela.

— Não fuja, Ninon! — gritou Hilgenstiller. — Toque-a com o crucifixo. Toque-o.

Ivy dirigiu a luz contra o rosto de Dominique, que levantou o braço para proteger os olhos. Ninon ficou imóvel, hipnotizada, em choque, fitando aquelas presas ameaçadoras e brilhantes, incapaz de esboçar um movimento.

Dominique se lançou sobre ela, derrubando-a. O instinto destruidor prevaleceu e suas presas buscaram o pescoço da jovem, rasgando suas carnes e sugando sofregamente o sangue que jorrava.

— Deus, não! — exclamou Hilgenstiller, atirando-se sobre as duas e arrebatando o crucifixo.

Segurou-o com as mãos e o baixou com força, cravando-o entre as costelas da vampira, que berrou medonhamente e rolou pelo chão, como se ardesse em chamas.

Hilgenstiller correu em socorro de Ninon, tentando estacar o sangue que esguichava. Seu desespero era total. Ninon não merecia aquele destino.

Enquanto isso, no alto da escada, Drácula observava a cena, furioso. Onde estava a outra garota? Ela deveria estar auxiliando Dominique e destruir o professor. O que fizera Torg?

— Torg! Maldito filho de um cão! — berrou e suas palavras ecoaram por toda a casa.

Lá embaixo todos ficaram em silêncio.

O tenente Ivy levantou a lanterna, iluminando aquele vulto ameaçador no alto da escada. Estremeceu, reconhecendo aquele rosto. Era o mesmo que vira nas páginas do jornal. O vampiro existia. Tudo aquilo estava acontecendo, não era fruto doentio de uma mente distorcida.

Ergueu a arma e disparou repetidas vezes. As balas passavam simplesmente pelo corpo de Drácula, indo lascar a madeira atrás dele.

— Deus do céu! — exclamou o policial, incrédulo e aterrorizado.

O vampiro ergueu os braços e precipitou-se escada abaixo, cego pela fúria, Hilgenstiller foi apanhar o crucifixo, retirando-o do corpo de Dominique.

Antes que pudesse esboçar um gesto de defesa, o vampiro o jogou a um canto. Ivy avançou contra ele, tentando golpeá-lo com a lanterna, mas foi seguro pela garganta e atirado violentamente contra a parede. Chamy



tentou correr para a porta, enlouquecida pelo medo, mas foi alcançada e segura pelos cabelos.

Drácula a puxou para junto de si e sua mão fechada se abateu contra o pescoço da garota, que caiu pesadamente, estremeando espasmodicamente.

O vampiro então, olhou ao seu redor, procurando por seu mortal inimigo. Atordoado, Hilgenstiller se erguia, apoiado contra a parede, ainda firmando desesperadamente o crucifixo em suas mãos.

Drácula o viu e rosnou como um animal ferido, cheio de ódio, dominado por uma sanha destruidora e cega, avançando resolutamente para eliminar definitivamente aquele que ousara desafia-lo.

— Venha, monstro dos infernos, maldito fruto de um ventre devasso e amaldiçoado! Venha, venha apanhar-me! — desafiou o professor, cego pela ira e pelo desespero, desejando apenas a tão-somente sua vingança.

O crucifixo erguido fez Drácula cambalear e recuar, cobrindo os olhos, sentindo-se em fogo pela influencia negativa das forças do bem.

De sua garganta escaparam sons animais e estridentes. Não podia se aproximar, não podia vencer o poder da cruz. Seu corpo brilhou. Hilgenstiller percebeu o que iria acontecer. Antes que o vampiro se transformasse totalmente em morcego, ele jogou o crucifixo de pontas cortantes.

Um guinchado horrível se seguiu, enquanto o morcego se debatia com o crucifixo cravado às costas. Hilgenstiller avançou, quebrando uma poltrona e apanhando uma lasca de madeira.

Inesperadamente, porém, a cruz se despreendeu do corpo monstruoso, que se debateu aos saltos, afastando-se do professor, recuperando as forças, alçando vôo.

— Volte, maldito! — berrou Hilgenstilller, jogando com todas as suas forças a lasca de madeira contra o vulto macabro que escapava pela porta aberta.

Estacou ouvindo os gemidos de Ninon e de Ivy Chanton. Olhou perto de si. Chamy estava caída, o pescoço grotescamente retorcido.

Levou as mãos à cabeça, em desespero. O grito que ouvira ao entrar na casa parecia ecoar ainda pelas paredes.

— Larah! Larah! Minha pobre filha! — berrou, desvairado, correndo pela casa à procura dela.

## **FIM DO LIVRO SEIS**

## **L P Baçan - O Mago das Letras**

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberno Judeo-Maçónico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".
- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.
- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta

dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.
- 2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.
- 2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalos, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.
- 1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.
- Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

**[www.acasodomagodasletras.net](http://www.acasodomagodasletras.net)**